

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

Pablo Giordano Giraldi dos Santos

ANÁLISE DO CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE
ENSINO MÉDIO

Porto Alegre

2011

Pablo Giordano Giraldi dos Santos

ANÁLISE DO CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Porto Alegre

2011

Pablo Giordano Giraldo dos Santos

ANÁLISE DO CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Material para consulta na homepage da Biblioteca da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponível em:
<http://biblioteca.ea.ufrgs.br/index.asp/>

ANÁLISE DO CONHECIMENTO FINANCEIRO
DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elaine Di Diego Antunes - UFRGS

Orientador Prof. Dr. Jairo Laser Procianoy - UFRGS

*“Dedico este trabalho
à todos aqueles que algum dia
acreditaram que com empenho e dedicação
podemos mudar nossas vidas para sempre.”*

AGRADECIMENTOS

Quando nos vemos concluindo mais uma etapa em nossas vidas é impossível não olharmos pra trás e refletirmos sobre tudo e todos que nos possibilitaram chegar até aqui. Algo muito importante que a vida me ensinou a faculdade de Administração teve a grata tarefa de reafirmar é que não conseguimos chegar a lugar algum sem o apoio e a ajuda das pessoas que nos cercam. Por melhores que sejamos, sempre a união nos fortalecerá.

Nestes anos em que estive me graduando, a atuação dos professores foi, sem sombra de dúvidas, um dos grandes potencializadores de conhecimento em minha vida. Tive a grande oportunidade de, ao sair da cidade com a menor renda per capita do Rio Grande do Sul, Alvorada, encontrar mestres que me encorajaram e ensinaram que outra vida sempre é possível. Agradeço muito a eles.

Como orientando, devo muitos agradecimentos ao professor Jairo, que esteve me ajudando por quase um ano para a conclusão de meu TCC. Sua sabedoria, praticidade e rigidez, com certeza foram fundamentais para a conclusão deste trabalho, assim como servirão de exemplo em diversos momentos de minha vida.

Agradeço também a UFRGS, por se mostrar uma universidade capaz de possuir um ensino de grande qualidade, gratuito e público.

Devo agradecer a minha família, pois, em maior ou menor grau, sempre carregamos em nossa personalidade mais características dela do que possamos imaginar. Minha mãe é o símbolo do amor e servidão, sempre prestativa para tudo aquilo que precisei. Meu pai e minhas irmãs, apesar de não mantermos um contato íntimo, acabaram também por moldar minha personalidade, seja na troca de ideias ou até mesmo nas divergências. Agradeço a eles também, pois acredito fortemente que a adversidade além de nos testar, aumenta nosso valor.

Aos amigos, dedico também minha gratidão, pois muitas vezes sem saber, me proporcionaram os momentos felizes que eu precisava para me motivar e seguir em frente. Aos antigos colegas de Ensino Médio, Everton, Rodrigo, Diego, Rafael, Thiago, Jeferson e Daniel. Aos grandes amigos do grupo de jovens, como o Thiago, e que caso eu nomeasse a todos, faltariam páginas para isso. Aos meus tios e

irmãos emprestados, de vivência, que em muitas de nossas reuniões me fizeram refletir para que eu buscasse sempre ser uma pessoa melhor. Aos bons amigos da faculdade, Igor e Adriano, que além de me ajudarem em diversas etapas desse curso, mantiveram em mim acesa a chama do empreendedorismo no fim da faculdade. Ao colega Etelmárcio, que além de me mostrar que o “sonho europeu” era possível, fez com que eu olhasse as finanças com outros olhos.

Agradeço também a Robert T. Kiyosaki e Sharon L. Lechter, pois foi lendo seu livro “Pai Rico, Pai Pobre”, que me encantei definitivamente por finanças e principalmente por educação financeira.

Ao nosso querido e bondoso Deus, verdadeiro arquiteto do Universo, por soprar sobre mim tantos bons ventos nos últimos anos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Padrão do fluxo de caixa de um ativo-----	23
Figura 2 - Padrão do fluxo de caixa de um passivo-----	23
Figura 3 - Forças propulsoras-----	24
Figura 4 - Princípios e recomendações de Educação Financeira-----	31
Gráfico 1 - Resultado dos e-mails enviados-----	38
Gráfico 2 – Série em que os alunos se encontram-----	40
Gráfico 3 – Faixa etária dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio-----	41
Gráfico 4 – Faixa etária dos alunos do segundo ano do Ensino Médio-----	42
Gráfico 5 – Faixa salarial de cada família-----	43
Gráfico 6 – Onde foram adquiridos os conhecimentos sobre Educação Financeira-----	46
Gráfico 7 – Alunos que acreditam ser importante aprender sobre o uso do dinheiro-----	48
Gráfico 8 – Sua escola tem algum projeto que trate sobre Educação Financeira? -----	50
Gráfico 9 – Alunos que acreditam ser importante aprender Educação Financeira na escola-----	51
Gráfico 10 – Alunos que recebem dinheiro de seus pais-----	52
Gráfico 11 – Periodicidade de recebimento do dinheiro-----	53
Gráfico 12 – Importância do recebimento periódico de dinheiro-----	54
Gráfico 13 – Pais que conversam com seus filhos sobre dinheiro-----	55
Gráfico 14 – Pais que poupam dinheiro, na opinião de seus filhos-----	56
Gráfico 15 – Você acredita que Educação Financeira pode lhe mais liberdade? -----	60
Gráfico 16 – Noção de juros-----	61
Gráfico 17 – O dinheiro pode trabalhar por você? -----	62
Gráfico 18 – Você sabe quanto e com o que gasta seu dinheiro? -----	62
Gráfico 19 – Seus gastos são planejados? -----	63
Gráfico 20 – Ao fim do mês, sobra algum dinheiro? -----	64

Gráfico 21 – Você tem o costume de? -----	65
Gráfico 22 – Sabe investir seu dinheiro? -----	65
Gráfico 23 – Quais destas instituições você conhece? -----	66
Gráfico 24 – Imagina a possibilidade de não receber o valor investido de volta? -----	67
Gráfico 25 – Quais destes serviços bancários você utiliza? -----	68
Gráfico 26 – Qual a sua opinião a respeito do cartão de crédito-----	69
Gráfico 27 – Parcelamento é uma boa maneira para adquirir os bens? -----	69
Gráfico 28 – Você sabe para onde é aplicado o dinheiro dos impostos? -----	70
Gráfico 29 – Ser dono do próprio negócio é? -----	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Instituições envolvidas no ENEF-----	30
Tabela 2 – Distribuição dos questionários por escola-----	39
Tabela 3 – Idade dos alunos pesquisados-----	41
Tabela 4 – Alunos que conhecem educação financeira-----	45
Tabela 5 – Palavras mais utilizadas para descrever a importância da educação financeira-----	48
Tabela 6 – Palavras mais utilizadas sobre o que os pais ensinaram a respeito do uso dinheiro--- -----	56
Tabela 7 – Áreas da Educação Financeira em que os alunos acreditam ter conhecimentos-----	58
Tabela 8 – Aplicabilidade dos impostos-----	71
Tabela 9 – Você tem algum comentário que ache pertinente compartilhar?-----	73

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

- ABAC** – Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios
- ABEL** – Associação Brasileira de Empresas de Leasing
- ABRAPP** – Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar
- ABRASCA** – Associação Brasileira das Companhias Abertas
- ANBID** – Associação Nacional dos Bancos de Investimento
- ANCOR** – Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias
- ANDIMA** – Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro
- APEP** – Associação dos Fundos de Pensão de Empresas Privadas
- APIMEC** – Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais
- ASSBAN-DF** – Associação dos Bancos no Distrito Federal
- BM&FBOVESPA** – Bolsa de Mercadorias e Futuros e Bolsa de Valores de São Paulo
- FEBRABAN** – Federação Brasileira de Bancos
- FENAPREVI** – Federação Nacional de Previdência Privada e Vida
- FENASEG** – Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização
- FUNENSEG** – Fundação Escola Nacional de Seguros
- IBRI** – Instituto Brasileiro de Relações com Investidores
- INI** – Instituto Nacional de Investidores
- OEB** – Ordem dos Economistas do Brasil

RESUMO

Instrumentos financeiros estão disponíveis cada vez mais cedo para os jovens brasileiros. Entretanto, muitos adolescentes não se sentem preparados para utilizá-los. A possibilidade de eles se tornarem adultos endividados é, portanto, muito grande. Seja porque a escola não aborda o assunto, ou os pais não têm interesse em conversar com os filhos sobre dinheiro e negócios, as causas são as mais diversas.

Até pouco tempo atrás, educação financeira não era um tema comum no Brasil, entretanto hoje ela vem se difundindo rapidamente. Este estudo, que visa descobrir o que o jovem estudante de ensino médio sabe a respeito do uso do dinheiro, pode elucidar algumas questões a esse respeito. Acredito que com base nisso, possam ser pensados programas educacionais voltados a esse público, para que sejam assim formados consumidores mais críticos e inteligentes.

Palavras-chaves: Educação financeira, ensino médio, escolas, jovens.

ABSTRACT

Financial instruments are available at an earlier age for young Brazilians. However, many teenagers do not feel prepared to use them. The possibility of them becoming adults in debt is therefore very large. Is because the school does not address the issue, or parents have no interest in talking to children about money and business, the causes are diverse.

Until recently, financial education was not a common theme in Brazil, but today it is spreading rapidly. This study, which aims to discover what the young high school student knows about the use of money, can elucidate some questions about it. I believe that on this basis can be thought of educational programs aimed at this audience, to form intelligent and critical consumers.

Keywords: Financial education, high school, schools, youth.

SUMÁRIO

1. DEFINIÇÃO DO TEMA DE ESTUDO.....	15
2. JUSTIFICATIVA	18
3. OBJETIVOS	19
3.1 OBJETIVO GERAL	19
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
4. REVISÃO TEÓRICA.....	20
4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	20
4.2 INICIATIVAS EM OUTROS PAÍSES.....	25
4.3 PROJETOS NO BRASIL.....	27
5. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	33
5.1 TIPO DE PESQUISA	33
5.2 UNIVERSO E AMOSTRA	34
5.3 COLETA DE DADOS.....	35
5.4 TRATAMENTO DOS DADOS	36
6. ANÁLISE DOS DADOS	37
6.1 DADOS PRELIMINARES DA AMOSTRA	37
6.2 DADOS SOBRE OS RESPONDENTES DA PESQUISA	39
6.3 ABORDAGEM INICIAL SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	44
6.4 PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E ESCOLA	49
6.5 CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	57
6.6 OPINIÃO DO ALUNO	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
7.1 CONCLUSÃO	74
7.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	75
7.3 SUGESTÕES DE PESQUISA.....	75

REFERÊNCIAS.....	76
CRONOGRAMA	79
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NOS ALUNOS	80
ANEXO A – DECRETO QUE INSTITUI A ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	84

1. DEFINIÇÃO DO TEMA DE ESTUDO

Durante minha infância e adolescência minha família passou frequentemente por dificuldades financeiras. Faltava dinheiro para comprar um carro, fazer viagens nas férias, trocar de casa... Mesmo meu pai sendo advogado e minha mãe professora, nunca conseguimos atingir o patamar socioeconômico que estaria de acordo com o consenso da sociedade para estas profissões.

Não conseguia entender porque isso acontecia se, pela lógica, meus pais tinham estudo e, portanto deveríamos ter uma condição financeira melhor. Mas víamos o contrário. Famílias que aparentemente obtinham menor renda que a nossa, estavam em situação melhor. Colocávamos a culpa no governo, na inflação e em diversos outros fatores que na realidade tinham uma responsabilidade muito menor que nós mesmos em nossos problemas financeiros.

Até entrar na faculdade, meu conhecimento sobre finanças era quase nulo, e se resumia apenas em saber calcular juros compostos e gastar menos do que ganhava.

Será que se meus pais ou eu tivéssemos aprendido finanças desde cedo, minha infância poderia ter sido diferente?

A partir do momento em que comecei a estudar administração, a área de educação financeira começou a me chamar a atenção. E pude perceber a melhora na minha vida financeira desde então.

Educação Financeira é um tema relativamente novo na realidade brasileira. De fato, não é algo rotineiro em nossa cultura e em nossas escolas o estudo a respeito desse assunto.

Apenas recentemente este tema começou a ganhar relevância nas iniciativas públicas de educação. Em 2010, conforme consta na reportagem da Folha de São Paulo, começaram a ser aplicadas em algumas escolas de Ensino Médio do Brasil iniciativas de educação financeira, mobilizando cerca de 15 mil jovens de 450 escolas em 6 estados da nação.

A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico –OCDE – (2005), nos diz que:

Educação Financeira pode ser definida como o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendação

claras, possam desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando o seu bem-estar financeiro.

Percebendo a realidade brasileira a partir deste conceito, e procurando referências a respeito do tema pude notar que ainda não há vasto estudo acadêmico a respeito deste assunto em nosso país, e mais do que isso, aquilo que é estudado no meio acadêmico raramente, para não dizer nunca, chega ao conhecimento dos que mais necessitam destas informações.

Com esta percepção vejo a necessidade de aprofundarmos e difundirmos mais estudos nesta área, e, portanto me proponho a fazer isto neste trabalho.

Jovens educados precocemente na área financeira realmente têm uma maior qualidade de vida no futuro? E, caso a educação financeira seja lecionada nas escolas, os impactos sociais seriam realmente perceptíveis e benéficos para as pessoas?

Em nossas escolas aprendemos Matemática, mas saímos de lá sem saber usar os juros a nosso favor. Aprendemos Português, mas não sabemos nos expressar corretamente em uma entrevista de emprego. Passamos mais de uma década estudando os mais diversos tipos de ciências, mas poucas vezes as aplicamos em nossa vida futura. Enfim, deixamos de aprender assuntos que certamente utilizaremos com o passar do tempo, e acabamos estudando matérias que talvez usaremos no futuro.

Mas isso está mudando.

Como exemplo desta mudança, em março de 2011 foi inaugurada no Rio de Janeiro a primeira escola de educação financeira do país, conforme reportagem do Jornal do Brasil (2011). Inicialmente está voltada apenas para os funcionários públicos do estado, e não para jovens estudantes, entretanto já nos mostra que este assunto tem sido mais valorizado e debatido em nosso país.

Portanto acredito, não só pela minha experiência familiar, que estudar, pesquisar e difundir mais conhecimento a esse respeito pode aumentar a qualidade de vida dos cidadãos brasileiros.

Entretanto, minha opinião e experiência, obviamente, não esgotam o assunto, por isso acredito que se faça necessário este estudo.

Pesquisei este tema nas escolas de Ensino Médio públicas, colhendo informações de estudantes sobre seus conhecimentos em educação financeira, para ser possível fazer um estudo descritivo a respeito.

2. JUSTIFICATIVA

A principal finalidade deste estudo a respeito da educação financeira de crianças e adolescentes é identificar qual o conhecimento obtido por esses jovens em sua vida acadêmica ou pessoal até o momento.

Um trabalho nesta área já foi desenvolvido por um aluno da Escola de Administração, Diego da Rocha Machado, com foco em apontar quais escolas trabalham o tema e quais não trabalham, cada uma explicando seus motivos para isso.

Com este trabalho obteremos conhecimentos acerca da situação local da educação financeira dos jovens estudantes de escolas públicas, podendo assim saber seu nível de conhecimento financeiro, descrevendo suas características.

Acredito que este trabalho poderá ser utilizado pela maioria dos jovens para que sejam revistas algumas de suas ideias a respeito do significado do dinheiro e das finanças em suas vidas.

Além deles, professores e demais instituições voltadas para educação podem apresentar grande interesse em lidar com este tema, devido a importância apresentada por este assunto nas pesquisas realizadas.

3. OBJETIVOS

A educação financeira é um ramo do conhecimento nem sempre acessível aos alunos de todas as escolas, portanto os objetivos deste trabalho são:

3.1 OBJETIVO GERAL

- Verificar o nível de conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o perfil socioeconômico dos alunos pesquisados.
- Testar o conhecimento financeiro dos estudantes participantes da pesquisa.

4. REVISÃO TEÓRICA

Para compreendermos este tema precisamos primeiramente definir educação financeira, mostrando como este assunto é trabalhado em nosso país e no exterior, para que então, verificando o nível de conhecimento dos alunos de Ensino Médio, possamos sugerir melhorias, caso sejam necessárias.

4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Quando você se educa, descobre há coisas que podem mudar (SANTOS, 2005). Assim como podemos aprender a tocar um instrumento musical ou podemos aprender determinada profissão, podemos também aprender a lidar com o dinheiro.

A organização sem fins lucrativos Investor Education Fund (2004) define Educação Financeira como sendo um conjunto de habilidades e conhecimentos que permitem ao indivíduo fazer julgamentos bem informados e tomar decisões através de sua compreensão em finanças¹.

Como podemos ver, tomando esta definição como parâmetro, a educação financeira não existe para criar indivíduos milionários ou então para eliminar completamente a pobreza de um país.

Mas para que serve então a Educação Financeira?

Para possibilitar escolhas racionais.

Uma pessoa educada do ponto de vista financeiro certamente poderá realizar mais escolhas racionais, podendo conhecer e comparar a maior parte dos instrumentos e produtos à sua disposição, minimizando assim a influência, por exemplo, de certos argumentos de venda, que geralmente funcionam com base na falta de conhecimento por parte dos compradores.

¹ *"To the set of skills and knowledge that allows an individual to make informed and effective decisions through their understanding of finances."*

Reforçando esta ideia estão Rogers, Favato e Securato (2007), que nos ensinam que os indivíduos nem sempre agem racionalmente em finanças, pois estão propensos aos efeitos das ilusões cognitivas, e complementam dizendo que se todos os indivíduos pudessem aprender mais sobre finanças isso reduziria potencialmente o risco de suas decisões financeiras.

As escolhas que cada um quer fazer em sua vida são as mais diversas possíveis, e a educação financeira vem para mostrar que independentemente da escolha feita, a estabilidade financeira pode ser mantida. Seja após crises econômicas ou a perda do emprego, um indivíduo educado financeiramente tem a capacidade passar ileso ou sofrer pouco com esses percalços econômicos.

Segundo Kiyosaki e Lechter (2000), a maioria das pessoas fica presa em um círculo vicioso chamado “corrida dos ratos”. Com esta expressão, Kiyosaki e Lechter referem-se a sequência repetitiva de trabalhar e pagar contas. Quando as contas a pagar são iguais ou maiores que a receita obtida com o trabalho, o sujeito está preso na corrida dos ratos. Isso o obriga a continuar no emprego, pois precisa do trabalho para poder pagar a diferença entre gastos e receitas. Ao contrário, se ao final do mês sobrar dinheiro após pagar as contas, o indivíduo pode investi-lo e portanto começa a entrar na “pista de alta velocidade”, outra expressão cunhada pelos autores, pois o dinheiro começa a trabalhar para si, ao invés da pessoa trabalhar pelo dinheiro.

O mais importante quando se fala em educação financeira é a pessoa buscar justamente a educação e não apenas altos salários. Por quê? São vários os exemplos de indivíduos que ficaram ricos do dia para a noite, e que com a mesma velocidade que enriqueceram, perderam seu patrimônio. Caso soubessem lidar com o dinheiro, este problema não teria acontecido. E apenas mudando a mentalidade e as ideias enraizadas que temos a respeito do dinheiro é que poderemos aprender como a lógica da pista de alta velocidade funciona (KIYOSAKI E LECHTER, 2000).

Corroborando com esta ideia está Eker (2006), quando nos diz que o hábito de controlar as finanças é mais importante do que a quantidade de dinheiro que você tem.

E quando falamos em dinheiro temos que também que saber lidar com as emoções. Medo de perder o emprego, ficar pobre; ambição de ganhar cada vez mais; só para citar alguns exemplos, são fatores relevantes quando estudamos

finanças. Em geral, gastos excessivos têm pouco a ver com o que você está comprando e tudo a ver com a falta de satisfação na sua vida (EKER, 2006).

De um modo geral, Eker (2006) costuma dizer que a vontade de ganhar dinheiro precisa vir de uma fonte virtuosa, ou seja, quando mudamos hábitos em nossa vida, como, por exemplo, controlar os gastos, além de poupar dinheiro estamos nos tornando pessoas melhores, pois nos tornamos mais analíticos em nossas compras e portanto racionais em nossas ações. Essa racionalidade não provém do medo ou da raiva, mas sim da vontade de crescer e evoluir em nossa liberdade de escolha como seres humanos. Ao contrário, se cortamos gastos por medo de ficarmos mais pobres, por exemplo, estaremos vendo uma raiz negativa na riqueza e isso significa que não importa quanto dinheiro tenha em nossa conta bancária, ainda assim estaremos insatisfeitos, pois o dinheiro nos dá liberdade de escolha, mas não afasta nossos medos.

O ideal é que educação financeira seja ensinada para uma pessoa desde criança, pois é nessa época da vida em que estamos mais propensos a aprender e ainda não adquirimos barreiras que possam dificultar nosso aprendizado. De acordo com Kiyosaki e Lechter a escola deve preparar as crianças para o mundo real. E ensinar sobre dinheiro faz parte disso.

Lições simples, mas que fazem grande diferença, podem ser ensinadas facilmente pelos professores. Por exemplo, quando falamos em ativo e passivo, isso pode ser resumido da seguinte forma (KIYOSAKI E LECHTER, 2000):

- Ativos põem dinheiro no seu bolso.
- Passivos tiram dinheiro do seu bolso.

Para ficar mais claro e didático, Kiyosaki e Lechter apresentam as seguintes figuras, aqui denominadas Figura 1 e Figura 2:

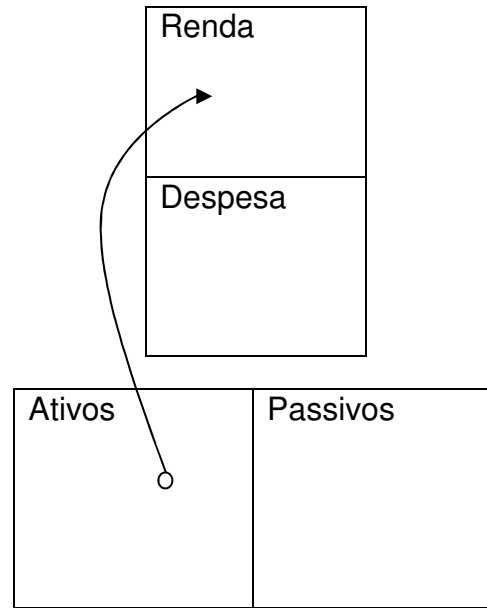


Figura 1 - Padrão do fluxo de caixa de um ativo

Fonte: Kiyosaki e Lechter

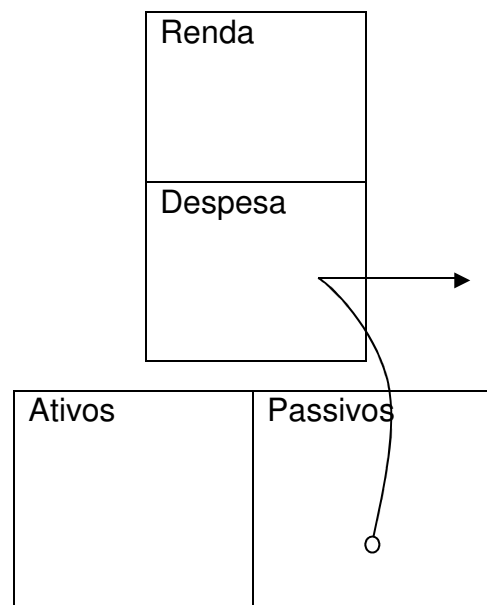


Figura 2 - Padrão do fluxo de caixa de um passivo

Fonte: Kiyosaki e Lechter

A educação financeira vem ganhando cada vez mais importância no cenário econômico mundial, principalmente a partir dos anos 90, quando efetivou-se a queda do socialismo e deu-se a abertura de diversos mercados, inclusive o brasileiro. A OCDE (2005) reforça esta posição, dizendo que a crescente relevância da educação financeira nos últimos tempos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas.

De acordo com Savoia, Saito e Santana (2007), três foram as forças que conduziram essas mudanças nas relações econômicas e políticas nos últimos anos. Segundo eles, são a globalização, a tecnologia e as mudanças neoliberais. As consequências podem ser vistas neste quadro elaborado pelos autores:

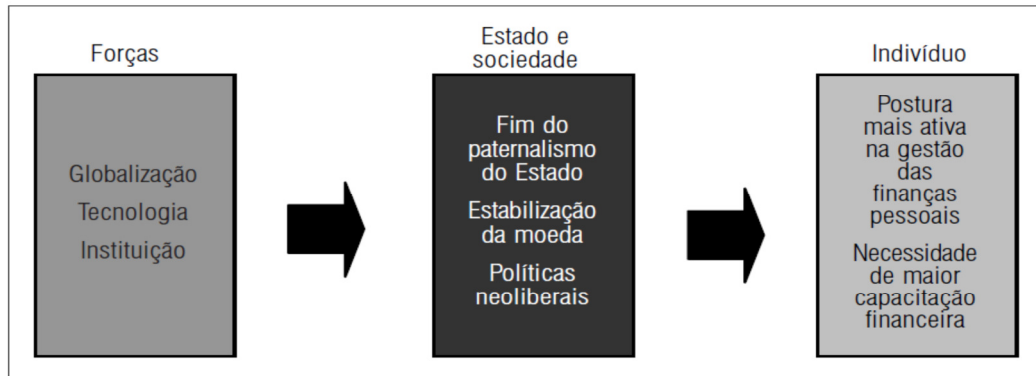


Figura 3 - Forças propulsoras

Fonte: Savoia, Saito e Santana

Deste modo, certas responsabilidades antes facultadas ao Estado, passam às mãos dos indivíduos. Este cenário econômico, com o crescimento e desenvolvimento cada vez maior de nosso país, aliado a uma melhor distribuição da renda, possibilitou uma maior oferta de crédito aos consumidores. Estes consumidores, antes sem crédito no mercado, passam a utilizá-lo de forma voraz, sem planejamento ou controle, e conseqüentemente surge o endividamento e a inadimplência.

Algumas instituições, percebendo isso, elaboraram programas voltados a atender esta demanda. A ANBIMA (2010), por exemplo, elaborou um material que se chama “Como investir? Guia de Estudantes”, onde expõe de maneira fácil e didática os motivos que devem levar um jovem a investir, além esclarecer o modo de funcionamento de alguns produtos do mercado financeiro.

Este interesse em educar os jovens financeiramente é benéfico para todos, e o principal motivo destas instituições trabalharem este tema está descrito por Braunstein e Welch *apud* Savoia, Saito e Santana (2007):

Participantes informados ajudam a criar um mercado mais competitivo e eficiente. Consumidores conscientes demandam por produtos condizentes com suas necessidades financeiras de curto e longo prazo, exigindo que os provedores financeiros criem produtos com características que melhor correspondam a essas demandas.

Neste material da ANBIMA, o estudante tem contato com termos como juros compostos e inflação; aprende a diferença entre renda fixa e renda variável; conhece o conceito de fundos de investimento; aprende a relação entre risco e retorno e por fim fica a par da forma de tributação de cada investimento.

Para iniciantes é um guia ideal, entretanto não esgota o tema de educação financeira, que também tem como importantes áreas o orçamento pessoal e planejamento de suas metas como investidor.

Caso o estudante já tenha conhecimentos destes conceitos, poderá buscar nesta mesma instituição alguns conteúdos mais avançados para realizar seus estudos e seu planejamento a respeito da educação financeira, como títulos públicos, debêntures e ações, além de poder verificar algumas notícias recentes nesta área, através do sítio “comoinvestir.com.br”.

4.2 INICIATIVAS EM OUTROS PAÍSES

Se no Brasil a Educação Financeira ainda está engatinhando, em certos países, principalmente os de colonização inglesa, como EUA, Austrália, Nova Zelândia e no próprio Reino Unido, este tema é tido como de grande importância, sendo a Educação Financeira matéria obrigatória nas escolas em alguns desses países.

Os Estados Unidos possui diversos sites e instituições que estão envolvidos com a educação financeira de sua população. A partir do fim da década de 50, diversos estados passaram a tornar obrigatória a disciplina de educação financeira em suas escolas. No ano de 2007 o número chegava a 29 estados, de um total de 50. Além das escolas, outras instituições governamentais apoiam iniciativas de educação financeira. Podemos citar o FED (Federal Reserve), que como banco central norte-americano atua como avaliador da efetividade destes projetos nos estados, onde a cada dois anos são feitas avaliações criteriosas dos estudantes de ensino médio, e de posse destes resultados, é papel do FED sugerir mudanças nas leis e na forma como o conteúdo é repassado aos alunos (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007).

Organizações privadas e do terceiro setor também financiam projetos deste tipo nos Estados Unidos. Em instituições como o Bank of America, Chase e o Citibank, programas de educação financeira já são uma realidade. Aliás, de acordo com Worthington *apud* Savoia, Saito e Santana (2007) 98% dos bancos norte-americanos financiam projetos de educação financeira e 72% desenvolveram seus próprios programas. Como organização do terceiro setor, podemos citar a Nefe (National Endowment for Financial Education), que tem por finalidade ajudar a população em geral a adquirir maiores conhecimentos em como gerir suas finanças pessoais.

No Reino Unido também é forte a presença de instituições que apoiam a educação financeira como meio de possibilitar a população maiores esclarecimentos a cerca do dinheiro. England e Chatterjee *apud* Savoia, Saito e Santana (2007) citam as seguintes organizações como as mais relevantes: UK government education departments; o Financial Services Authority (FSA); o Basic Skills Agency (BSA); o Department for Work and Pensions (DWP); o Tesouro Nacional; os grupos comunitários e as escolas.

No Reino Unido, a educação financeira não é obrigatória, portanto é facultado a cada escola o direito de ensinar ou não em suas aulas este tema. A FSA, como atua na investigação de crimes financeiros, tem interesse em educar cada vez mais os jovens nesta área, pois com a população de um modo geral conhecendo o funcionamento das finanças está organização acredita que está coibindo certas fraudes que pautam-se na ingenuidade dos indivíduos. A BSA foca-se em técnicas de ensino e aprendizagem de adultos, dando a eles também a oportunidade de aprender mais sobre educação financeira. A DWP desenvolve políticas no sentido de sugestões de como as escolas devem trabalhar a educação financeira com seus alunos, dentre outra competências. Alguns bancos famosos, como o RBS e o Barclays também atuam nessa área, assim como os bancos americanos (ENGLAND e CHATTERJEE *apud* SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007).

Nos outros países, apesar de existirem alguns programas de educação financeira, ele são pontuais e, em geral, não apoiados pelo governo ou instituições de grande relevância política. Podemos citar alguns locais, como certos países do leste europeu, como República Tcheca, Hungria, Polônia e Bulgária.

4.3 PROJETOS NO BRASIL

O Brasil não é visto como exemplo quando se trata da questão de iniciativas de educação financeira. Entretanto, este cenário vem mudando. Nas últimas duas décadas, desde a abertura econômica do Brasil, o mercado financeiro vem se desenvolvendo e tornando-se cada vez mais complexo. Com uma demanda cada vez maior de conhecimento e estudos nesta área, exigida justamente por essa complexidade, vêm surgindo diversas iniciativas que visam aumentar o conhecimento financeiro da população.

O Banco Central do Brasil (2010) desenvolve um projeto de incentivo a educação financeira, o Programa de Educação Financeira do Banco Central (PEF-BC), que tem como foco, além de ensinar finanças para jovens e adultos, tornar o banco central uma instituição mais próxima das pessoas, tentando mostrar a ideia de que ele é fundamental para manter a estabilidade econômica em nosso país. Este programa do banco central voltado a estudantes tem com base cinco conceitos-chave: Planejamento Financeiro; Economia; Operações Financeiras; Banco Central; Meio Circulante.

Os conceitos são trabalhados com foco na faixa etária de cada população-alvo e dentro desta ideia foram desenvolvidos os seguintes programas:

- Projeto Museu-Escola: é constituído por visitas monitoradas ao Museu de Valores, onde são desenvolvidas atividades com foco na educação financeira e distribuídos materiais nesta mesma área.
- Projeto Museu Vai à Escola: mesmo foco do projeto anterior, entretanto com a diferença de que este projeto é que vai as escolas.
- Projeto BC e Universidade: Estudantes de universidades visitam o edifício-sede do banco central em cada região, podendo assistir a palestras de servidores do banco, com foco na atuação e função da organização.
- Projeto BC Jovem: área do site do banco central do Brasil, com linguagem lúdica e didática voltada a oferecer educação financeira de forma acessível a jovens e adolescentes.

De acordo com a Agência Brasil (2011), a educação financeira mostra seus benefícios não apenas na vida de cada indivíduo, mas na economia como um todo. Segundo revela a reportagem, o programa aplicado em 450 escolas de ensino

médio do Brasil revelou-se útil também no combate a inflação, pois, com mais poupança e menos consumo, diminui a demanda e os preços tendem a baixar.

A BM&F BOVESPA também atua na área de educação financeira. Com programas e desafios voltados especificamente para jovens estudantes, ela patrocina pesquisas acerca da mensuração do grau de conhecimento financeiro dos brasileiros; atua em programas televisivos, dentre eles o “Educação Financeira” da TV Cultura e o “Turma da Bolsa” da TV Futura. Além disso, comanda um desafio interescolar voltado a alunos de ensino médio, chamado Desafio BM&F Bovespa.

A FEBRABAN possui o projeto “Meu Bolso em Dia” que é focado na realização de orçamentos familiares. Neste mesmo portal também existe a ferramenta “Simulador de Sonhos”, que ajuda na projeção de metas de poupança para realizar objetivos futuros.

Mesmo com esses diversos programas ainda percebia-se a falta de educação financeira em nosso país. Percebendo isso, o governo federal vem elaborando desde 2007 o maior programa de educação financeira já visto em nosso país. Este programa foi oficializado em 2010 pelo presidente da República, com a assinatura do Decreto Nº 7.397, de 22 de Dezembro de 2010 (Diário Oficial da União). Este decreto institui e dispõe sobre a ENEF, Estratégia Nacional de Educação Financeira.

De acordo com site governamental Vida & Dinheiro: Educação Financeira (2010) o ideal de criação deste projeto é este:

O desenvolvimento de um projeto nacional de Educação Financeira, iniciativa das entidades e dos órgãos integrantes do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – COREMEC, responde a uma necessidade atual da sociedade. Consciente da necessidade de fomentar a cultura financeira no país, o governo brasileiro constituiu, em novembro de 2007, um grupo de trabalho com representantes do Banco Central do Brasil, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), coordenadora do GT, da Secretaria de Previdência Complementar (SPC) e da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), para desenvolver uma proposição de Estratégia Nacional de Educação Financeira, prevendo a promoção de um inventário nacional de ações e de projetos de Educação Financeira no país, além de uma pesquisa que mapeie o grau de conhecimento financeiro da população brasileira.

O ENEF prevê, além da educação de adultos, uma forte intenção de incentivar projetos de cunho escolar, para, seguindo uma tendência mundial, a médio e longo prazo proteger os consumidores de apelos imediatistas e reforçar a estabilidade do Sistema Financeiro Nacional.

A estratégia do INEF tem como principais objetivos:

- Promover e fomentar a cultura de Educação Financeira em nosso país;
- Ampliar o nível de compreensão do cidadão para efetuar escolhas conscientes relativas a administração de seus recursos
- Contribuir para a solidez e eficiência dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.

Todas estes objetivos devem estar norteados pelas seguintes diretrizes:

- Programa de Estado, de caráter permanente;
- Ações de interesse público;
- Âmbito nacional;
- Gestão centralizada e execução descentralizada;
- 3 níveis de atuação (informação, formação e orientação);
- Avaliação e revisão permanentes e periódicas.

Como está ideia de educação não é um projeto pequeno, diversas instituições envolveram-se neste esforço conjunto. As principais entidades que atuam na ENEF, conforme a tabela 1 são:

MEMBROS DO COREMEC		
<ul style="list-style-type: none"> • BCB – Banco Central do Brasil • CVM – Comissão de Valores Mobiliários • SUSEP – Superintendência de Seguros Privados • Superintendência Nacional de Previdência Complementar 		
PARCEIROS REALIZADORES		
ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS	ÓRGÃOS NÃO GOVERNAMENTAIS	
<ul style="list-style-type: none"> • Ministério da Educação 	<ul style="list-style-type: none"> • ABAC • ABEL • ABRAPP 	<ul style="list-style-type: none"> • BM&FBOVESPA • FEBRABAN • FENAPREVI

<ul style="list-style-type: none"> • Ministério da Justiça 	<ul style="list-style-type: none"> • ABRASCA • ANBID • ANCOR • ANDIMA • APEP • APIMEC • ASSBAN-DF 	<ul style="list-style-type: none"> • FENASEG • FUNENSEG • IBRI • INI • INSTITUTO UNIBANCO • OEB
---	--	---

Tabela 1 - Instituições envolvidas no ENEF

Fonte: Elaborado pelo autor

Qualquer instituição que tenha algum projeto ou desenvolva alguma ação voltada a educação financeira pode participar. Basta cadastrar sua ação no site governamental Vida e Dinheiro.

Por fim, de acordo com o site Vida & Dinheiro, o programa do ENEF nas escolas começou como projeto-piloto no ano de 2010 em 900 instituições selecionadas (2010). Após a capacitação dos professores, cada aluno recebe um livro que aborda o tema, elaborado com base nas diretrizes elaboradas pelo grupo de trabalho instituído por lei. Além disso, o aluno deve se comprometer informalmente a multiplicar este conhecimento em sua comunidade.

Como pudemos ver, existem diversos projetos nessa área em nosso país, sendo a maioria desconhecidos pela população em geral. Cada programa aborda o tema de uma maneira didática diferente, entretanto, a OCDE publicou alguns princípios que, de acordo com o órgão, devem ser cumpridos por todos os programas de educação financeira que tenham como fim aumentar o conhecimento dos indivíduos neste tema. De acordo com a figura 4, são eles:

Princípios e recomendações de educação financeira

1. A educação financeira deve ser promovida de uma forma justa e sem vieses, ou seja, o desenvolvimento das competências financeiras dos indivíduos precisa ser embasado em informações e instruções apropriadas, livres de interesses particulares.
2. Os programas de educação financeira devem focar as prioridades de cada país, isto é, se adequarem à realidade nacional, podendo incluir, em seu conteúdo, aspectos básicos de um planejamento financeiro, como as decisões de poupança, de endividamento, de contratação de seguros, bem como conceitos elementares de matemática e economia. Os indivíduos que estão para se aposentar devem estar cientes da necessidade de avaliar a situação de seus planos de pensão, necessitando agir apropriadamente para defender seus interesses.
3. O processo de educação financeira deve ser considerado, pelos órgãos administrativos e legais de um país, como um instrumento para o crescimento e a estabilidade econômica, sendo necessário que se busque complementar o papel exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor.
4. O envolvimento das instituições financeiras no processo de educação financeira deve ser estimulado, de tal forma que a adotem como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes, provendo informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, principalmente nos negócios de longo prazo e naqueles que comprometam expressivamente a renda atual e futura de seus consumidores.
5. A educação financeira deve ser um processo contínuo, acompanhando a evolução dos mercados e a crescente complexidade das informações que os caracterizam.
6. Por meio da mídia, devem ser veiculadas campanhas nacionais de estímulo à compreensão dos indivíduos quanto à necessidade de buscarem a capacitação financeira, bem como o conhecimento dos riscos envolvidos nas suas decisões. Além disso, precisam ser criados sites específicos, oferecendo informações gratuitas e de utilidade pública.
7. A educação financeira deve começar na escola. É recomendável que as pessoas se insiram no processo precocemente.
8. As instituições financeiras devem ser incentivadas a certificar que os clientes leiam e compreendam todas as informações disponibilizadas, especificamente, quando forem relacionadas aos negócios de longo prazo, ou aos serviços financeiros, com conseqüências relevantes.
9. Os programas de educação financeira devem focar, particularmente, aspectos importantes do planejamento financeiro pessoal, como a poupança e a aposentadoria, o endividamento e a contratação de seguros.
10. Os programas devem ser orientados para a construção da competência financeira, adequando-se a grupos específicos, e elaborados da forma mais personalizada possível.

Figura 4 - Princípios e recomendações de Educação Financeira

Fonte: OCDE *apud* Savoia, Saito e Santana (2005)

Este quadro também faz parte de um relatório do OCDE chamando *Improving financial literacy: analysis of issues and policies (2005)*, que apresenta os resultados

obtidos pelos países nas políticas adotadas por cada um deles. Após a comparação entre os programas é que surgiram estas recomendações.

Através de todos estes projetos apresentados por estas instituições pudemos perceber a importância que o tema vem ganhando nos últimos anos. E nas pesquisas acadêmicas não é diferente. Outro aluno da Escola de Administração da UFRGS, Diego da Rocha Machado, também pesquisou sobre este assunto, nos apresentando quais escolas de Porto Alegre trabalham Educação Financeira em suas matérias, e quais não trabalham. Também nos mostrou os motivos que cada uma dessas escolas apresentou para que tomassem essa decisão de trabalhar ou não o assunto e, à luz do referencial teórico, analisou e comparou as recomendações dos organismos competentes com as práticas encontradas nestas escolas.

De fato, em sua grande maioria as escolas porto-alegrenses não trabalham a educação financeira em suas grades curriculares. Entretanto o problema é mais grave nas escolas que atendem as classes mais baixas. O principal motivo para estas escolas não trabalharem o tema é justamente o fato de não haver, até então, legislação que preveja a obrigatoriedade disto, mas elas mostram-se otimistas a iniciarem projetos que abordem o assunto. Escolas que atendem a classes sociais mais elevadas têm uma maior tendência a lecionar o tema, mas ainda assim, 50 por cento é um número que deixa a desejar (MACHADO, 2011).

5. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Existem diversos tipos de pesquisa, e para cada uma delas deve ser utilizado o método adequado. Para que seja possível definir o tipo, o universo e a amostra da pesquisa, além da coleta e o tratamento dos dados, faz-se necessário um estudo metodológico a respeito, e a isso que se propõem estes procedimentos.

5.1 TIPO DE PESQUISA

Para classificar a pesquisa foi usado como base o critério citado por Vergara (2009), que a qualifica em relação aos meios e aos fins.

Quanto aos fins, a pesquisa deve ser classificada como descritiva, pois são apresentadas características de determinada amostra, no caso alunos de ensino médio, e de determinado fenômeno, o conhecimento financeiro dos mesmos. Como pesquisa descritiva, ela não tem compromisso em explicar estes fenômenos, mas pode servir de base para tal explicação. De acordo com Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como um de seus objetivos primordiais o estabelecimento de relações entre variáveis.

Descrevi, na revisão teórica, as recomendações de especialistas e de organismos competentes no que tange as melhores práticas no assunto, e no momento de análise dos dados coletados, estão descritas as características dos alunos.

Quanto aos meios de investigação, foi realizada pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de campo foi utilizada para obter dados e informações dos alunos a respeito de seus conhecimentos em educação financeira, e, de acordo com Vergara (2009), pode incluir aplicação de questionários e testes. A pesquisa de campo tende a não interrogar diretamente as pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, ao contrário do levantamento que caracteriza-se pela interrogação direta (GIL, 2002).

Realizei a pesquisa de campo visitando as escolas que demonstraram interesse em servirem de fontes de dados para esta pesquisa, aplicando questionários em seus alunos.

A pesquisa bibliográfica, que é baseada em um estudo de materiais disponíveis ao público em geral, também foi utilizada como fonte de informações. Documentos obtidos junto ao site da OCDE, a principal lei sancionada pelo governo federal que trata sobre educação financeira, notícias publicadas em jornais de grande circulação e livros que abordam este tema são apresentados no referencial teórico e servem como base para descrever o fenômeno.

Os livros são fontes bibliográficas por excelência. Tanto os de leitura corrente, que objetivam proporcionar conhecimentos técnicos ou científicos, quanto os livros de referência, que possibilitam a rápida obtenção de informações, foram utilizados neste trabalho (GIL, 2002).

Publicações periódicas, como matérias publicadas em jornais e revistas serviram como fonte de pesquisa, pois caracterizam-se pela sua atualização constante e portanto nos dão um panorama atual do assunto pesquisado. A Folha de São Paulo demonstrou ser o jornal que apresentava reportagens sobre o assunto com maior frequência.

Artigos científicos também foram de grande contribuição, principalmente por sua característica de pesquisa exploratória a respeito do tema educação financeira.

5.2 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo da pesquisa de campo são todos os alunos de ensino médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada. A pesquisa é restrita a essa região pela questão da acessibilidade. Porto Alegre por ser capital do estado e Alvorada por ser a cidade onde resido e tenho contato com algumas escolas. A população amostral foi escolhida segundo estes critérios: não-probabilística, por acessibilidade. Este critério foi adotado porque a partir do início do contato com as escolas percebeu-se uma grande dificuldade em elas abrirem suas portas para que fosse realizada a

pesquisa. Por isso não pude estratificá-las, dentre as que se ofereceram, pois o número de escolas participantes era baixo.

5.3 COLETA DE DADOS

Quanto à coleta de dados, eles foram coletados por meio de questionários, que foram elaborados por forma de teste, vide anexo. O questionário é majoritariamente fechado, com algumas questões abertas. Foi aplicado pessoalmente. Como teste prévio, o questionário foi analisado e julgado antecipadamente por uma pessoa com reconhecido conhecimento no assunto. Além disso, ele também foi testado previamente em 3 jovens estudantes do Ensino Médio, para resolver e adequar algumas questões à linguagem dos alunos.

O questionário possui um total de 36 questões. Após a identificação inicial do aluno, da questão 1 até a questão 5, é feita uma abordagem inicial sobre Educação Financeira, procurando descobrir a familiarização que o aluno tem com o assunto, da questão 6 a 9. Após isso, procuramos saber do ponto de vista do estudante o papel da escola e dos pais em sua Educação Financeira, indo da questão 10 a 18. A partir daí, da questão 19 a 35, é sutilmente testado o conhecimento financeiro do aluno. E, finalmente, a questão 36 é aberta para sugestões e comentários.

Após o questionário estar pronto, entrei em contato com as escolas por email, tanto as de Alvorada quanto as de Porto Alegre. Neste email, foi sucintamente mencionada a importância da Educação Financeira no contexto atual e as perspectivas governamentais do tratamento deste assunto na sala de aula. Depois da breve introdução, as escolas que demonstrassem interesse em receber minha visita para a aplicação da pesquisa deveriam responder o email, para que pudesse ser marcada a data da aplicação do questionário.

Obtive algumas respostas positivas, de escolas que estariam dispostas a abrir suas portas para que fosse realizada a pesquisa. Recebi algumas respostas negativas também, e a grande maioria não respondeu. Penso que um dos principais motivos para isso é a possibilidade o email ter chegado em suas caixas postais como spam.

Entrei em contato com a Secretária da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, por telefone, questionando-os a respeito das escolas se recusarem a participar da pesquisa por não terem algum tipo de autorização superior, conforme citado por uma das escolas em uma resposta negativa. Foi-me informado através da Assessoria de Imprensa da SEC que normalmente não ocorre este problema, pois os diretores, principalmente os de escolas públicas, são orientados a colaborar com qualquer tipo de pesquisa acadêmica que seja viável para a escola participar. Após isso, agendei e visitei as escolas participantes. Obtive uma grande abertura por parte dos diretores das escolas que visitei, podendo aplicar o questionário em quantas turmas fosse necessário.

5.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados foram passados para o computador utilizando-se do GoogleForms, ferramenta online que permite a criação e análise de questionários. Não foram passados diretamente ao Sphinx, pois como foram respondidos um grande número de questionários, e o Sphinx é um software que só pode ser usado por licença, ele só poderia, portanto, ser usado na Escola de Administração. Isso tornaria inviável o término da pesquisa no tempo proposto.

Entretanto, como o GoogleForms permite salvar o resultado em formato do Excel, e o Sphinx permite importar estes dados, eles puderam ser analisados posteriormente nas ferramentas disponíveis no Sphinx.

Após o tratamento dos dados foi feita a análise. Baseando-se no referencial teórico, poderemos chegar às conclusões e atingir os objetivos propostos, identificando o conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio de escolas públicas de Porto Alegre e região e sugerindo melhores práticas neste assunto.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Depois de tabuladas todas as respostas foram obtidos os dados abaixo. Com base nos mesmos, foi feita a análise, à luz do referencial teórico.

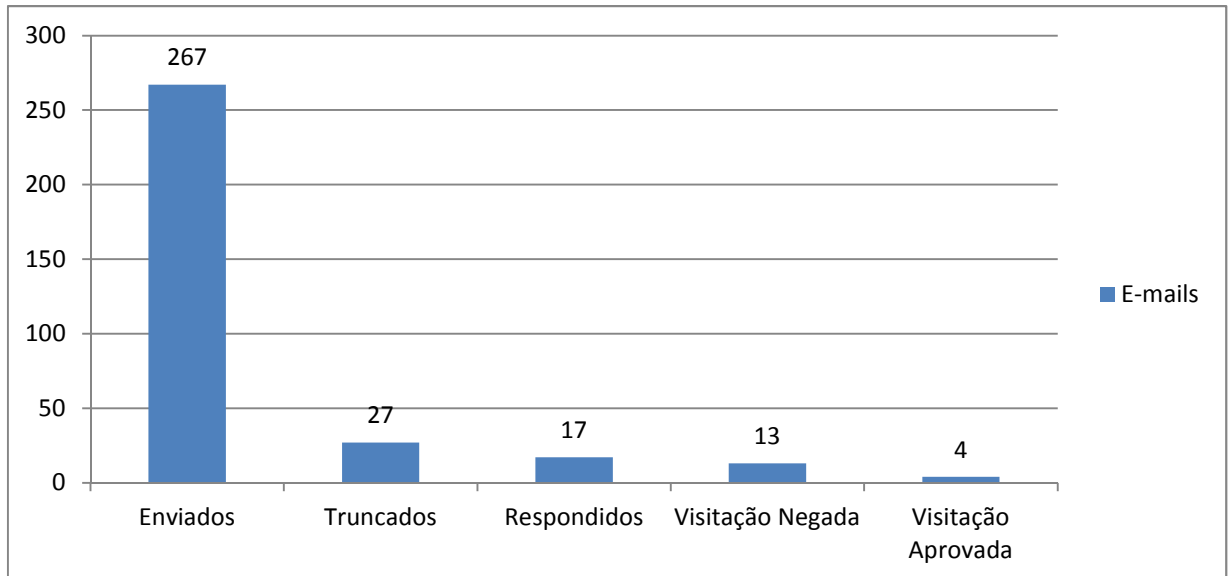
6.1 DADOS PRELIMINARES DA AMOSTRA

Inicialmente foram contatadas por e-mail todas as escolas que fariam parte do universo da pesquisa, ou seja, todas as escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada. Os e-mails foram obtidos junto a Secretaria da Educação, a 1^o Delegacia de Ensino (Porto Alegre) e a 28^o Delegacia de Ensino (Alvorada). Foram enviados um total de 267 e-mails, como pode ser visto no gráfico 1.

Ainda de acordo com o gráfico 1, de todos os e-mails enviados, 27 retornaram truncados para caixa postal. Isso representa 10,1% do total. Como os dados obtidos junto aos órgãos do governo não estavam divididos por grau de escolaridade, e o nome das escolas estavam geralmente abreviados, não foi possível fazer a separação por Ensino Médio, Fundamental e Infantil. Posto isso, foram enviados alguns e-mails para escolas que não faziam parte da pesquisa.

Dos e-mails que não truncaram, foram obtidas 17 respostas, sendo 13 negativas, e 4 positivas. Em termos percentuais, isso significa que 7,0% das escolas que receberam o e-mail me responderam, sendo que 5,4% negaram e 1,6% aceitaram minha visita. Das respostas negativas, as mais comuns foram o não enquadramento da escola no público alvo da pesquisa, algo já previsto, e também houve o não interesse em participar, em alguns casos. Ocorreu um caso em especial, conforme citado no último parágrafo da página 35, que me fez entrar em

contato com a SEC novamente: uma das escolas respondeu que não participaria da pesquisa, pois quem deveria enviar a autorização seria a SEC.



Gráfico 1 - Resultado dos e-mails enviados

Fonte: Dados da pesquisa

A pesquisa foi aplicada nas 4 escolas visitadas. Aparentemente parecem poucas escolas, entretanto, como as pesquisas foram aplicadas presencialmente, e não online, o trabalho de locomoção e inserção dos dados no computador foi algo realmente demorado. Acredito que um número muito maior de escolas dificultaria o cumprimento do cronograma.

Foram aplicados 411 questionários nestas escolas, tentando manter um número aproximado de questionários aplicados em cada escola. Isso foi possível em três delas, menos na Escola Estadual de Ensino Médio Maurício Sirotsky Sobrinho, pois havia poucas turmas. Cabe ressaltar que apenas alunos dos primeiro e segundo anos do Ensino Médio foram incluídos na pesquisa. Alunos do terceiro ano foram excluídos, pois como estão teoricamente se preparando para o vestibular, poderiam enviar a pesquisa.

6.2 DADOS SOBRE OS RESPONDENTES DA PESQUISA

Como já citado, foram obtidas 411 respostas dos questionários. A divisão por escolas deu-se da seguinte maneira, conforme mostra a tabela 2.

Nome da Instituição de Ensino:	Freq.	%
Escola Estadual de Educação Básica Professor Gentil Viegas Cardoso	116	28,2%
Escola Estadual de Ensino Médio Maurício Sirotsky Sobrinho	66	16,1%
Escola Estadual de Ensino Médio Mário Quintana	109	26,5%
Escola Estadual de Ensino Médio Professor Alcides Cunha	120	29,2%
TOTAL	411	100%

Tabela 2 – Distribuição dos questionários por escola

Fonte: Dados da pesquisa

Três escolas ficaram com um percentual de participação entre 25% e 30%, cada uma. A quarta escola obteve um percentual de participação em relação ao total da pesquisa por volta de 15%, ainda de acordo com a tabela 2. O motivo para isso foi o fato do Ensino Médio ter sido recentemente incluído em sua grade curricular, tendo, portanto, poucos alunos. Três escolas localizam-se em Alvorada. Apenas a Escola Estadual de Ensino Médio Professor Alcides Cunha localiza-se em Porto Alegre.

Todas as quatro escolas foram muito abertas e receptivas à pesquisa. Chegando até elas foi possível apresentar o trabalho a(o) diretor(a) ou a(o) representante legal da escola no momento. Todos eles ficaram muito empolgados com o trabalho de pesquisa, demonstrando grande interesse em saber mais sobre o assunto, e inclusive sugerindo que eu fosse novamente outro dia à escola, ministrar uma palestra sobre o assunto para o corpo docente, para que os mesmos pudessem repassar o conhecimento sobre educação financeira para os alunos. Os professores que estavam em sala de aula também foram muito receptivos. Cederam o espaço de suas aulas para que a pesquisa fosse feita, e motivaram seus alunos para que

responderem com sinceridade as perguntas realizadas. Professores de algumas áreas, como Matemática, História e Geografia, demonstraram claramente mais interesse que os demais na pesquisa, pois naturalmente trata-se de área afins. Este questionário foi aplicado em 19 turmas, somando as turmas das quatro escolas.

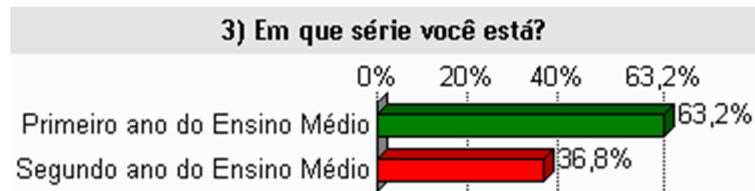


Gráfico 2 – Série em que os alunos se encontram

Fonte: Dados da pesquisa

Nas escolas, em geral, existem mais turmas de primeiro ano do Ensino Médio do que de segundo ano. Podemos obter esta informação observando o gráfico 2. Isso ocorre, de acordo com os professores, devido a uma maior reprovação dos alunos quando estão iniciando o Ensino Médio. Isso explica o fato de durante a pesquisa ter sido encontrado quase o dobro de alunos do primeiro ano do Ensino Médio em comparação com o número de alunos do segundo ano do Ensino Médio. Foram, ao total, respondidos 254 questionários por alunos do primeiro ano do Ensino Médio e 148 questionários por alunos do segundo ano do Ensino Médio. Do total, nove alunos não responderam a pesquisa, representando 2,2%.

Com relação a idade dos respondentes, foi encontrada uma amplitude na faixa de 6 anos. Essa variação etária apresentou alunos que vão dos 14 aos 20 anos, seja no primeiro ou segundo ano do Ensino Médio, conforme mostra a tabela 3. Sendo que no primeiro ano do Ensino Médio a faixa etária corresponde a alunos dos 14 aos 20 anos enquanto no segundo ano do Ensino Médio a faixa etária corresponde a alunos dos 15 aos 20 anos.

Isso mostra claramente que diversos alunos estão atrasados em relação a idade prevista a conclusão do Ensino Médio. Considerando que o aluno não seja reprovado, ele deveria concluir o colegial com 17 anos. Segue a tabela 3, apresentando a frequência de cada idade para os alunos pesquisados.

Qual a sua idade?	Freq.	%
14	7	1,7%
15	109	26,5%
16	145	35,3%
17	87	21,2%
18	23	5,6%
19	7	1,7%
20	7	1,7%
Não resposta	26	6,3%
TOTAL	411	100%

Tabela 3 – Idade dos alunos pesquisados

Fonte: Dados da pesquisa

Para que seja possível fazer uma avaliação mais clara, dividi a faixa etária por série. Começamos pelo gráfico 3, do primeiro ano do Ensino Médio.

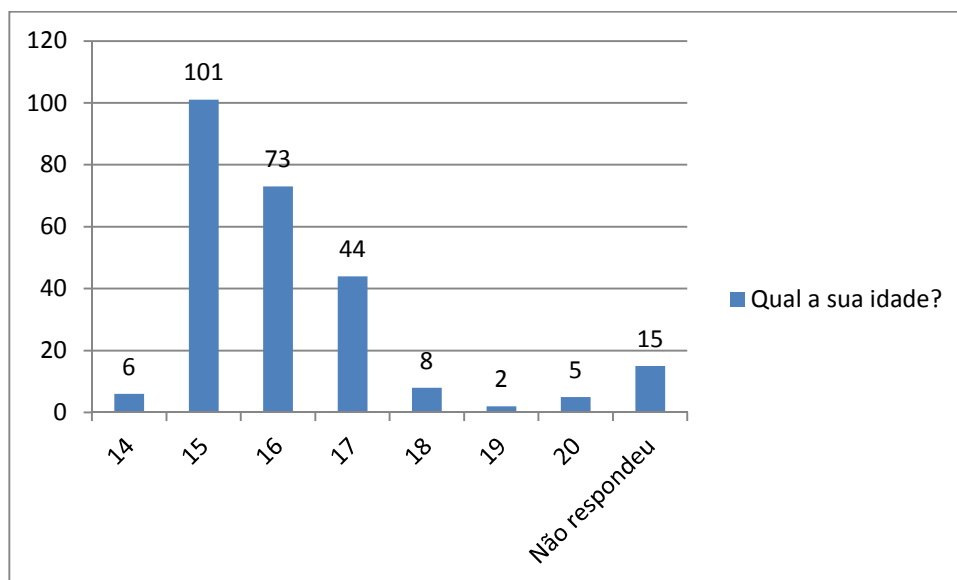


Gráfico 3 – Faixa etária dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio

Fonte: Dados da pesquisa

Uma boa parte dos alunos, 42,13% está na faixa etária considerada natural para alunos que não foram reprovados, entre 14 e 15 anos. Entretanto, isso não significa nem metade da amostra pesquisada. A maior parte está atrasada, portanto foi reprovada ou entrou tardiamente na escola. Isso significa uma taxa de 51,97% dos alunos, com idade entre 16 e 20 anos, conforme o gráfico 3.

De acordo com o movimento Todos pela Educação, em artigo publicado no sítio da Unicef (2010) no Brasil, o ideal é que todos os jovens completem o Ensino Médio até os 19 anos. Isso significa que, fazendo os cálculos, 5,91% destes alunos do primeiro ano já não conseguirão atingir esta meta, pois estão acima dos 17 anos. E outros 17,32% só atingirão a meta se não forem reprovados mais nenhuma vez nos próximos anos. De todos os respondentes, 15 alunos, ou 5,91% do total não revelaram sua idade.

Passando agora para os alunos do segundo ano do Ensino Médio, é apresentado o gráfico 4:

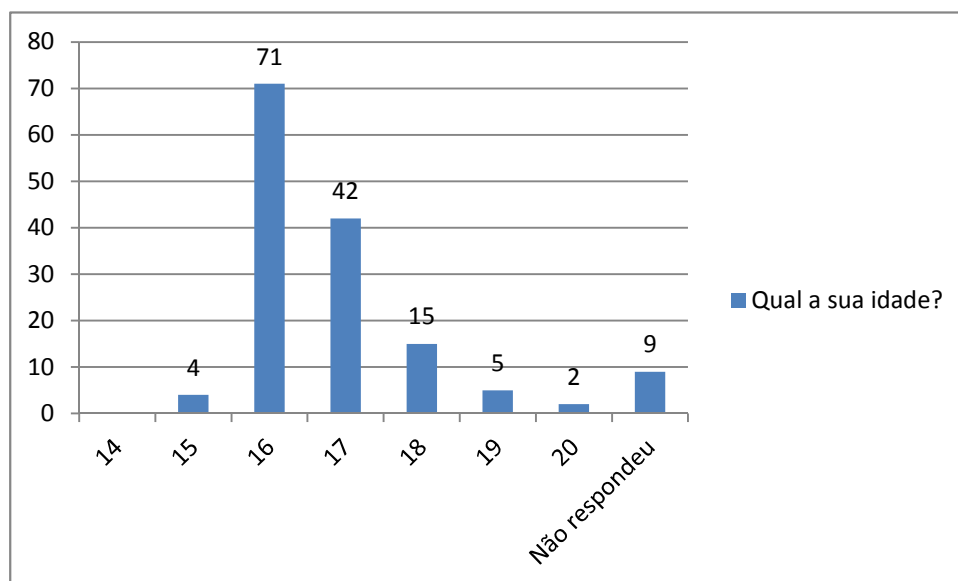


Gráfico 4 – Faixa etária dos alunos do segundo ano do Ensino Médio

Fonte: Dados da pesquisa

Neste caso a situação apresenta-se um pouco melhor. De acordo com o gráfico 4, uma taxa de 50,68% dos alunos encontra-se na idade natural para alunos que não foram reprovados, entre 15 e 16 anos. Isso significa 8 pontos percentuais acima do mesmo índice calculado para alunos do primeiro ano. Alunos considerados

atrasados chegam a taxa de 43,24%, 8 pontos percentuais abaixo, quando comparado com o mesmo índice dos alunos do primeiro ano.

Além dos números serem mais animadores, mostra a quebra de uma barreira, pois podemos notar que neste caso a maioria absoluta dos alunos encontra-se na série correspondente a sua idade. Mesmo que os 9 alunos que não responderam a esta pergunta estivessem atrasados, o percentual chegaria a 49,32% do total, não atingindo portanto, nem a metade da amostra. Tomando como base novamente o artigo do Movimento Todos pela Educação, divulgado no site da Unicef (2010), notamos que 4,73% dos alunos já não tem chance de atingir a meta de concluir o Ensino Médio até os 19 anos. Enquanto isso, 10,14% não poderão mais ser reprovados, se quiserem atingir a meta. Percentuais também mais baixos se comparados com os alunos do primeiro ano.

Os rendimentos de cada família também foram questionados nesta pesquisa. As faixas salariais usadas foram baseadas em estudos realizados pela consultoria Target (2010), reconhecida no âmbito empresarial em oferecer soluções inovadoras para organizações.

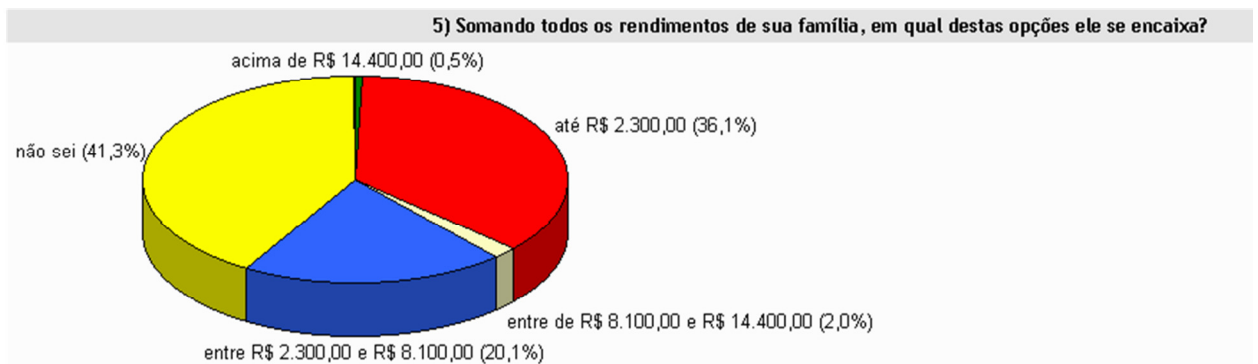


Gráfico 5 – Faixa salarial de cada família

Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 5 apresenta apenas os respondentes. Dos 411 alunos pesquisados, 4 não responderam qual era a soma dos rendimentos de sua família. Isso significa 0,97% do total. Dos que responderam, destacam-se dois grupos: os que não sabem quanto suas famílias ganham, e os que têm uma família que aufera no máximo R\$ 2.300,00 de ganhos mensais. Esses percentuais equivalem a 168 e 147 respondentes respectivamente. O fato dos jovens não saberem o rendimento de suas famílias pode advir de diversos fatores. Penso que o mais comum é os pais

não comunicarem e os jovens não se interessarem por isso. Mas também pode haver outras situações, como os pais serem profissionais autônomos, onde em alguns casos a renda varia bastante mês a mês, podendo inclusive quase zerar em alguns. Ainda de acordo com o gráfico 5, outro grupo significativo é o das famílias que auferem ganhos entre R\$ 2.300,00 e R\$ 8.100,00. Na amostra 82 alunos marcaram esta opção. Este grupo representa o cerne da classe média, que acaba transitando em ambientes de classe baixa e alta, pois alguns dos pais desta classe matriculam seus filhos em escolas públicas, enquanto outros optam por particulares. Apenas 2 alunos revelaram que suas famílias ganham mais que R\$ 14.400,00, e 8 ganham entre R\$ 8.100,00 e R\$ 14.400,00. Juntos não representam nem 3% de toda a amostra pesquisada, demonstrando claramente que a classe mais abastada da população não matricula seus filhos em escolas públicas de Ensino Médio.

6.3 ABORDAGEM INICIAL SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Depois de procurar descobrir as características iniciais dos alunos a serem pesquisados, foi feita uma abordagem inicial sobre o que e como os alunos ouviram falar de educação financeira. Isso é importante, pois as bases de nossa educação são a família e a escola, e que, portanto, deveriam ser os principais meio de transmitir esse assunto aos jovens. Nem sempre isso acontece. Esta etapa do questionário começa procurando saber se os adolescentes pesquisados conhecem ou já ouviram falar alguma vez em educação financeira. De acordo com a tabela 4, uma boa parte deles respondeu positivamente a pergunta, entretanto, um percentual preocupante respondeu nunca ter ouvido falar no assunto. De acordo com as recomendações da OCDE (2005), é ideal que os jovens comecem a ter intimidade com a educação financeira precocemente.

Você conhece ou já ouviu falar em Educação Financeira?	Freq.	%
Não	165	40,2%
Sim	244	59,4%
Não resposta	2	0,5%
TOTAL	411	100%

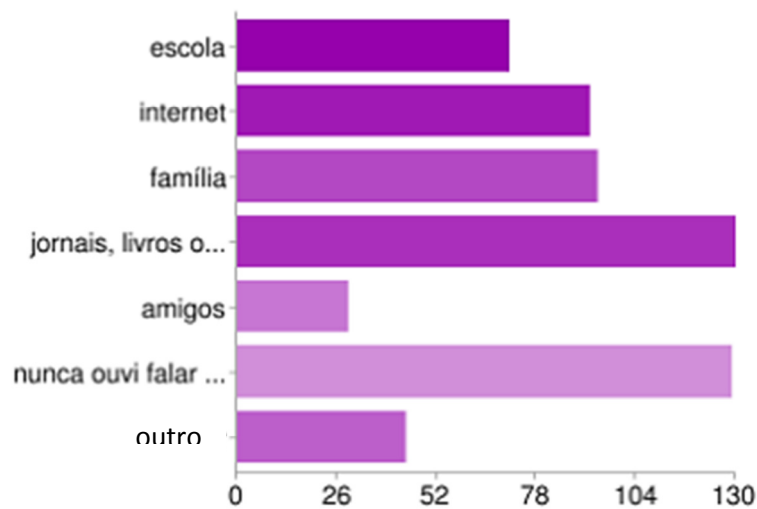
Tabela 4 – Alunos que conhecem educação financeira

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda conforme a tabela 4, um número insignificante de alunos, dois, não respondeu a essa questão. Mas o fato surpreendente é a quantidade de jovens, alguns já podendo ser considerados adultos, que nunca ouviram falar sobre Educação Financeira. Com o acesso a rádio e televisão já extremamente difundidos em nosso país, e a internet cada vez mais acessível a todos, é espantoso que 40,2% dos alunos nunca ouviram falar sobre o assunto. Naturalmente um dos fatores que considero importante para o resultado é a recente introdução do tema em nosso país. Apenas no ano de 2010 (Diário Oficial da União) é que foi introduzida por lei uma estratégia com o fim de levar a educação financeira a alunos da rede pública de todo país. Enquanto em outros países, como os Estados Unidos, desde o final dos anos 50 diversos estados começaram a tornar obrigatório o ensino de Educação Financeira nas escolas (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2007).

Outro motivo pode ser o desinteresse dos alunos. Nosso país, que foi majoritariamente colonizado pela ética católica, que reprime a riqueza material, tende a não despertar interesse nas pessoas em questões financeiras. Países de ética protestante, como os colonizados pela Inglaterra, tendem a incentivar uma criação de riquezas cada vez maior, fazendo com que jovens estudantes destes países procurem mais conhecimento sobre o assunto (WEBER, 2005).

Com relação aos meios de comunicação onde foi obtido o conhecimento financeiro dos alunos que o declaram ter, foram oferecidas aos alunos as opções mais comuns que poderiam tratar sobre o assunto. Veja abaixo o resultado, como mostra o gráfico 6:



escola	71	18%
internet	92	23%
família	94	24%
jornais, livros ou revistas	130	33%
amigos	29	7%
nunca ouvi falar sobre o tema	129	33%
outro	44	11%

Gráfico 6 – Onde foram adquiridos os conhecimentos sobre Educação Financeira

Fonte: Dados da pesquisa

Algo que é facilmente notado é o número de alunos que responderam “nunca ouvi falar sobre o tema”. Esta resposta foi introduzida para aqueles que responderam na questão anterior que nunca tinha ouvido falar, ou não conheciam Educação Financeira. A grande maioria seguiu esse padrão, mas nem todos. Conforme a tabela 4 e o gráfico 6, enquanto 165 responderam que não conheciam o assunto, 129 responderam que nunca tinha ouvido falar sobre o tema. Isso significa que 36 alunos responderam o local onde tinha aprendido um conhecimento que eles declararam não ter.

É importante ressaltar que a soma dos percentuais de cada resposta ultrapassa os 100% porque poderia ser marcada mais de uma alternativa.

Dentre os que conheciam o tema, jornais, livros e revistas foram a fonte de informação que mais prevaleceu. Penso que isto é um bom indicativo, pois além de mostrar que os meios impressos estão tratando do assunto, o que mostra que não é mais um tabu, os jovens demonstram que estão lendo cada vez mais.

Evidentemente é impossível saber nesta pesquisa a qualidade do que é lido, entretanto, o interesse pela leitura é sempre bem vindo e agrega mais conhecimento a todos que usufruem dele.

Internet e família ficaram quase empatadas, o que mostra a importância crescente do uso da rede mundial de computadores na educação de adolescentes. Em um mundo cada vez mais conectado, seria bem provável que a internet estivesse relacionada como uma grande fonte de informação a respeito. O fato de a família estar neste patamar também é louvável, pois cabem aos pais os primeiros ensinamentos a respeito de finanças na vida de uma criança, de acordo o site “Educação Financeira” (2006).

A escola, infelizmente, aparece em penúltimo lugar, quando o ideal seria aparecer em segundo, reforçando a formação dada pela família, de acordo com o “Educação Financeira” (2006). Isso reforça a urgência dos educadores da área e do governo federal colocarem em prática o plano de educação financeira para os alunos de escolas públicas do Brasil, ENEF. Com o ensino engessado e não inovador, o currículo das escolas permanece inalterado face as novas necessidades dos cidadãos nos tempos atuais. Entretanto as perspectivas parecem boas, face a vasta quantidade de notícias na área que vem surgindo a todo o momento na mídia.

A opção amigos ficou em último lugar e na opção “outros”, a resposta mais frequente é a televisão. Penso que como meio de comunicação claramente mais difundido em nosso país, era esperado que aparecesse nas respostas. Mas, como acredito que o conteúdo é extremamente volátil e sem profundidade, acaba por não fornecer uma base de educação adequada no assunto.

Questionados se acreditavam que aprender sobre o uso do dinheiro fosse importante para suas vidas, todos os jovens responderam, e a grande maioria positivamente. Do total, 401 acreditam ser importante aprender sobre o uso do dinheiro, e apenas 10 disseram que não. Essas informações podem ser vistas no gráfico 7.

Isso reflete o grande interesse deles no assunto. Mesmo jovens alunos de escola pública, normalmente de classes sociais mais baixas, onde muitos sequer ouviram falar sobre finanças, reconhecem a importância de aprender mais sobre o

assunto. Além disso, pode-se perceber que haveria uma forte demanda gerada neste ramo da educação, caso alguma escola ou outro tipo de empresa reúna esforços para lançar cursos nesta área.



Gráfico 7 – Alunos que acreditam ser importante aprender sobre o uso do dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa

Após responder a essa pergunta, os alunos eram então instigados a citar três vantagens, caso respondessem sim, ou três desvantagens, caso respondessem não, com relação a importância que o aprendizado sobre o uso do dinheiro traria em suas vidas. Dentre as frases que os jovens utilizaram, as 10 palavras mais citadas foram, conforme a tabela 5:

dinheiro	236	9,2%
saber	145	5,7%
não	115	4,5%
gastar	67	2,6%
administrar	65	2,6%
ter	64	2,5%
melhor	59	2,3%
aprender	49	1,9%
vida	39	1,5%
Usar	36	1,4%

Tabela 5 – Palavras mais utilizadas para descrever a importância da educação financeira

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos formar dois grandes grupos nestas frases. De acordo com a tabela 5, o primeiro grupo refere-se a palavras ligadas a educação. “Saber”; “Administrar”; “Aprender” são bons exemplos disso. Os alunos acreditam que educados financeiramente obterão o conhecimento necessário a respeito do uso do dinheiro, o que vai ao encontro do outro grande grupo, que refere-se a práticas com o dinheiro. “Usar”; “Não”; “Gastar”; “Ter”; “Melhor”; “Vida” refletem as práticas e resultados obtidos com o conhecimento adquirido com a Educação Financeira. A palavra “Dinheiro”, centro e objeto de estudo, foi naturalmente a mais citada.

6.4 PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E ESCOLA

Conforme recomendado pela OCDE (2005) e por alguns sites como o Educação Financeira (2006), é extremamente importante que escola reforce a educação financeira, lecionada primeiramente pelos pais, em casa.

Entretanto, como sabemos observando a realidade brasileira, não é isso o que acontece. As escolas públicas são extremamente carentes de projetos nesta área, e, por isso, os alunos foram questionados a respeito de suas escolas e família, para sabermos se finanças era um assunto corriqueiro nestes locais, ou não.

Inicialmente os alunos foram perguntados a respeito de a escola manter ou não um projeto ou iniciativa de educação financeira, seja nas aulas, em disciplina específica ou não, ou então extraclasse. Independentemente de suas respostas, me informei com a diretoria e supervisão pedagógica de cada escola, para saber se existam projetos nesta área em suas grades curriculares. Como era de se esperar, realmente não ocorriam estas iniciativas, o que, portanto, já nos responde a pergunta. De qualquer modo, é importante saber o quanto os alunos estão atentos a isso, pois foi inserida a opção “não sei” nas possibilidades de resposta. Ou seja, mesmo que ocorresse algum projeto, a parte dos alunos que responderam com esta

opção estaria perdendo uma grande oportunidade de aprender. Agora, vamos aos números.

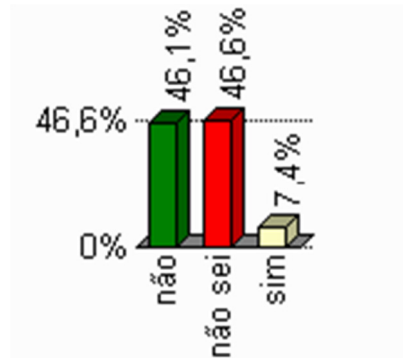


Gráfico 8 – Sua escola tem algum projeto que trate sobre Educação Financeira?

Fonte: Dados da pesquisa

A grande maioria, como podemos ver no gráfico 8, respondeu conforme o que realmente ocorria em sua escola, não. Foram 188 alunos que deram essa resposta. Outra resposta considerável foi “não sei”, que inclusive superou a anterior, sendo escolhida por 190 alunos. Isso é algo preocupante, pois mostra o desinteresse dos alunos pelas diversas iniciativas e projetos que ocorrem em sua escola, mesmo que não sejam sobre Educação Financeira. Acredito que projetos extraclasse e grupos de estudo que ocorrem em períodos pós-aula são grandes fontes de conhecimento, e não saber o que existe ou não existe além das aulas faz com que os alunos percam grandes oportunidades de aprender. Ainda de acordo com gráfico 8, um pequeno percentual, totalizando 30 alunos, afirmou que existem projetos de Educação Financeira em suas escolas. De fato, eles estão enganados. Não consigo pensar em outra explicação que não seja a falta de informação por parte destes 30 alunos. Três alunos não responderam a essa questão.

Independentemente de haver ou não Educação Financeira sendo lecionada nas escolas pesquisadas, os alunos foram perguntados se achavam importante que este tema fosse ensinado em suas escolas. A grande maioria se mostrou interessada em aprender os princípios de Educação Financeira em seus colégios, e apenas alguns poucos foram contrários. Os percentuais foram bem parecidos com a questão relacionada ao gráfico 7, que os questiona sobre acharem importante aprender o assunto, seja em qual local for.

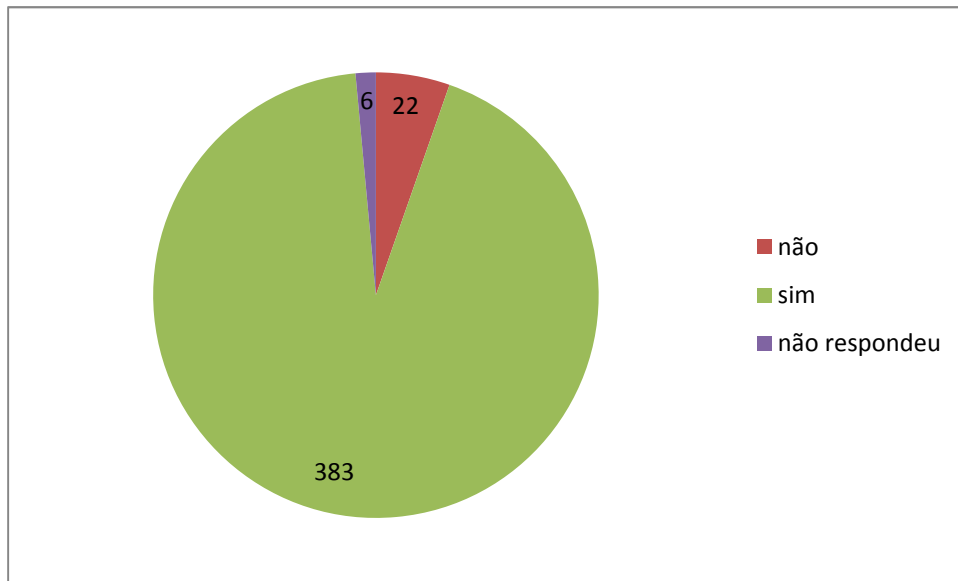


Gráfico 9 – Alunos que acreditam ser importante aprender Educação Financeira na escola

Fonte: Dados da pesquisa

Em termos percentuais, conforme o gráfico 9, os alunos que gostariam de aprender finanças em suas escolas atinge a marca de 93,19%, os que não gostariam, 5,35%, e os que não responderam, 1,46%. Sem sobra de dúvidas, este é um assunto que interessa a juventude.

Normalmente, quando os pais ou responsáveis querem educar financeiramente seus filhos, de acordo com o site especializado no assunto, chamado Educação Financeira (2006), eles têm de elaborar um método de dar-lhes dinheiro regularmente, seja na forma de mesadas, semanadas, ou diárias. Foi elaborada uma questão a esse respeito, procurando saber quais jovens recebem e quais não recebem dinheiro regularmente de seus pais. A maior parte, quase metade, recebe dinheiro de seus pais, e pode geri-lo por conta própria. O gráfico 10 mostra que este grupo atinge uma taxa de 42,34% dos alunos pesquisados. Alguns poucos não responderam a essa questão da pesquisa, 1,46%. Dois grupos obtiveram percentuais parecidos. O dos que não recebe, nem trabalha, com 21,65% e o dos que não recebem, pois já trabalham, com 25,55%. Vemos com isso que mais de um quarto dos alunos já trabalha mesmo durante o segundo grau. É sabido que no Brasil, normalmente, filhos de famílias de classes mais baixas começam a trabalhar antes, para ajudar em casa, no sustento da família. Nem todos começam a trabalhar por este motivo, mas este é, certamente, o mais destacado.

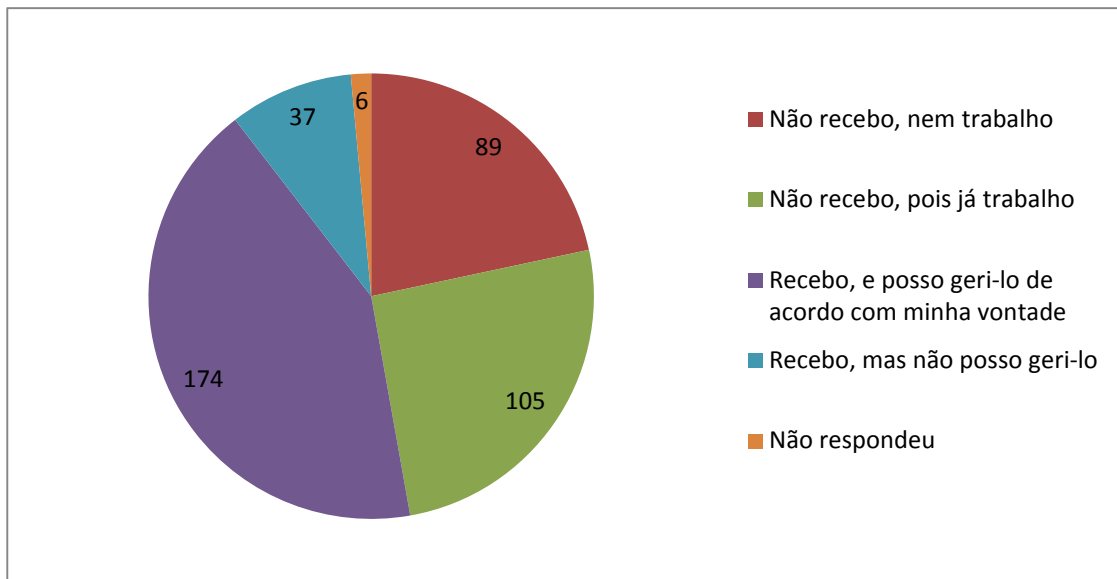


Gráfico 10 – Alunos que recebem dinheiro de seus pais

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda no gráfico 10, vemos um pequeno percentual de jovens, 9%, que recebe dinheiro de seus pais, mas não pode geri-lo. Normalmente esses casos ocorrem quando o adolescente recebe dinheiro para bens ou utilidades específicas, como comprar lanche na escola, ou roupas na loja. O pai fornece o dinheiro, mas não permite que o jovem possa escolher o que fazer com ele. Entretanto, de acordo com sítio de Cássia D'Aquino, chamado Educação Financeira (2006), é justamente no poder de escolha que reside uma das grandes virtudes da Educação Financeira, porque consumidores mais inteligentes realizam melhores escolhas, o que possibilita gerar um nível de satisfação maior, gastando-se menos.

Dos 211 que recebem algum dinheiro de seus pais, seja com a possibilidade de geri-lo, ou não, há uma grande divisão entre a periodicidade definida pelos pais para fornecer esse dinheiro. No gráfico 11 vemos que a maior parte dos filhos, 36,97%, recebe dinheiro de seus pais sem periodicidade definida. Isso é algo arriscado, pois pode por em cheque o controle das finanças familiares. Um percentual parecido dos filhos, 35,55%, recebe dinheiro mensalmente. Acredito que está periodicidade tenha se popularizado pois nosso país trabalha com o conceito de mensalidade em quase todas as formas de despesas e receitas, seja na contas de água, luz ou telefone, como no próprio recebimento do salário. A população em geral está mais costumada a trabalhar com o conceito de meses. Em outros países, como

na Inglaterra, é comum utilizar-se o conceito de semanas. Tanto para os salários como para as despesas, tudo é pago semanalmente.

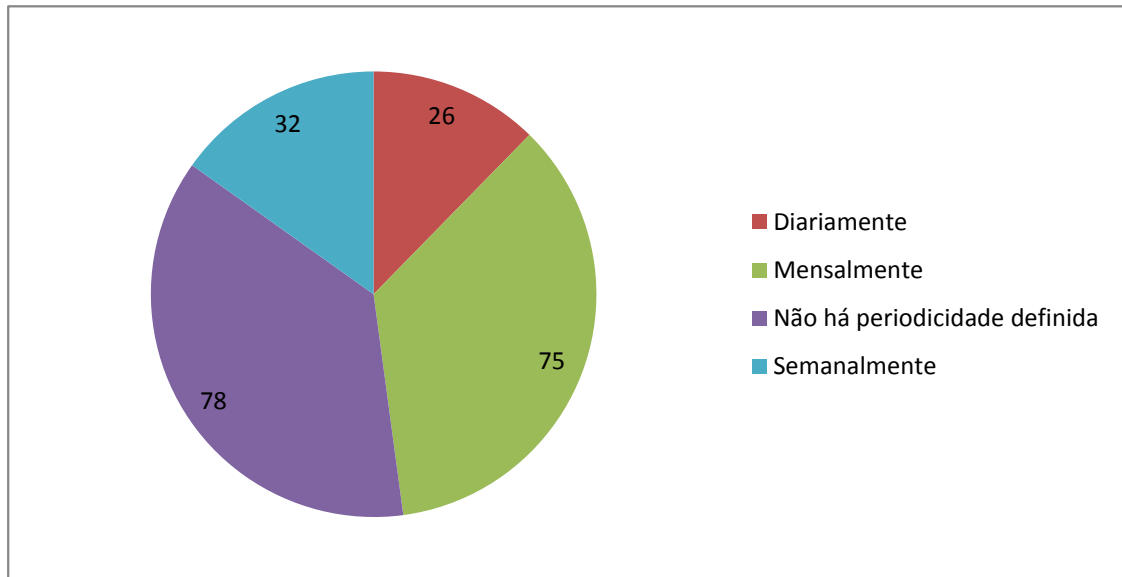


Gráfico 11 – Periodicidade de recebimento do dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa

Logo após, com percentuais também muito parecidos, estão os pagamentos semanais e diários, conforme apresenta o gráfico 11. Com 15,17% e 12,32%, respectivamente, estas duas categorias ainda não são as preferidas dos pais, apesar de serem as mais recomendadas no início da educação financeira de uma criança, de acordo com o site “Educação Financeira” (2006).

Os alunos foram questionados a respeito da importância que eles davam para o recebimento desta quantia, se é que para eles tinha alguma importância.

A grande maioria, 50,85%, de acordo com o gráfico 12, acredita que o dinheiro que recebem de seus pais é apenas para gastar no que eles gostam. Como já citado anteriormente, a mesada ou semanada, é uma ótima forma de ensinar os filhos a como lidar com o dinheiro. Dar esse dinheiro aos filhos apenas para eles gastarem no que têm vontade, sem elaborar um raciocínio crítico a respeito de seu consumo, acaba por gerar descontrolado nas finanças desde cedo.

A segunda opção mais escolhida foi “pagar minhas contas”. Atingiu um percentual de 16,55%. Ora, se desde cedo o jovem está recebendo mesada ou semanada para pagar suas dívidas, isso mostra claramente que antes mesmo de entrar no mercado de trabalho ele já está dentro da “corrida dos ratos”, famosa

alegoria criada por Kiyosaki e Lechter (2000) para descrever pessoas que vivem e trabalham apenas para pagar contas.

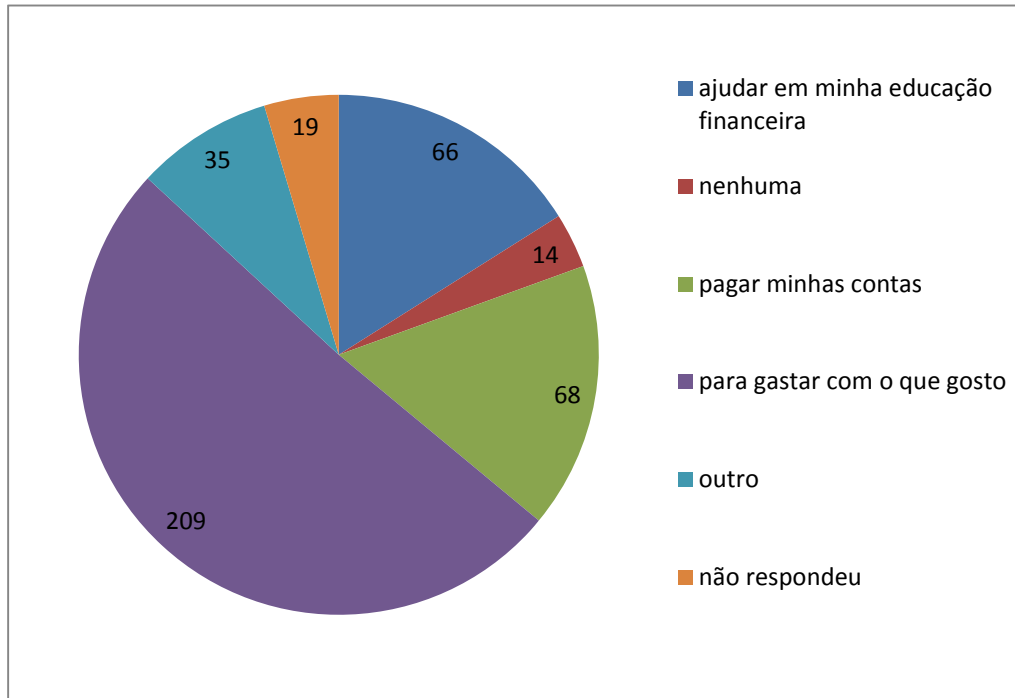


Gráfico 12 – Importância do recebimento periódico de dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa

Próximo a isso, está a taxa de alunos, 16,06%, que, conforme o gráfico 12, veem o pagamento da mesada ou semanada como uma forma de serem educados financeiramente. Vejo esse número como desanimador, pois são poucos os que percebem nestes pagamentos a possibilidade de aprender e testar suas habilidades financeiras.

As outras três opções somam juntas, 16,55%, e representam aqueles jovens que não veem importância no recebimento de dinheiro, ou tem outra ideia a respeito disso. E também aqueles que não responderam a questão.

Como já foi citado anteriormente, é de extrema importância que a Educação Financeira comece em casa, e os pais sejam os principais responsáveis em ensinar seus filhos a terem um pensamento mais crítico a respeito das finanças. Como isso nem sempre acontece, procuramos saber se os pais têm o costume de conversar com seus filhos sobre dinheiro, negócios ou algum outro assunto deste universo.

De um modo geral, o resultado foi satisfatório, pois temos uma maioria de pais que conversam com os filhos sobre o assunto, 55,72%, de acordo com o gráfico 13. Vejo este número como otimista, pois se este percentual foi apresentado mesmo em alunos de escolas públicas, o natural é supor que caso fossem pesquisados alunos de escolas particulares este número seria ainda maior.

Entretanto, um percentual ainda preocupante, 42,34%, dos pais não conversa com seus filhos sobre finanças. Acredito que, mais uma vez a cultura brasileira tem muito a ver com esse número. Em diversas famílias, conversar sobre dinheiro e negócios ainda é um tabu, pois elas relacionam este tipo de assunto a pessoas gananciosas e do mal, infelizmente.

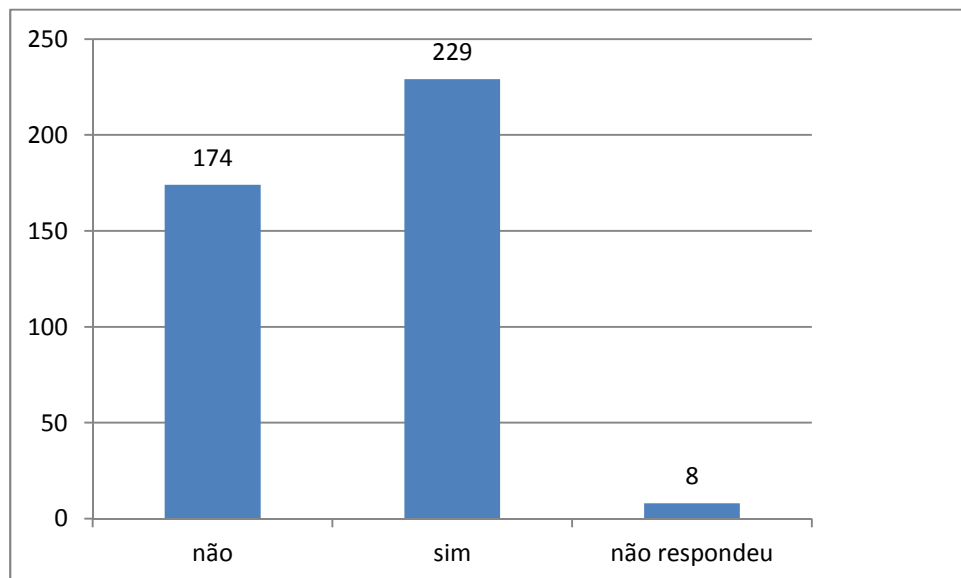


Gráfico 13 – Pais que conversam com seus filhos sobre dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa

Com mais uma pergunta relacionada aos pais, os estudantes foram indagados se sabiam que seus pais faziam algum tipo de poupança, ou não. A absoluta maioria disse que sim, 70,07%, conforme o gráfico 14. Ter uma poupança é sempre importante, mas mostra-se mais relevante em momentos de crise, como na perda do emprego, em alguma doença familiar, ou em qualquer outra situação que não possa ser prevista facilmente. Cabe lembrar que poupança não é investimento, é apenas uma forma de guardar dinheiro para imprevistos. Outros 28,95% não sabem ou afirmaram que seus pais não fazem poupança.

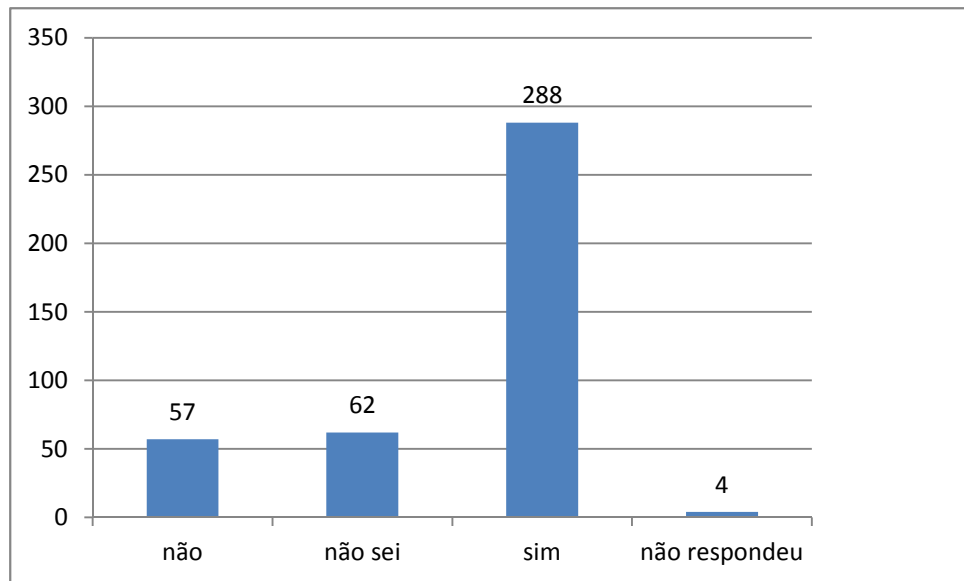


Gráfico 14 – Pais que poupam dinheiro, na opinião de seus filhos

Fonte: Dados da pesquisa

Mantendo o foco do questionário nos pais, os alunos foram inquiridos a relatar qual o principal ensinamento que obtiveram de seus pais a respeito do dinheiro. Eles deveriam resumir em uma frase aquilo que aprenderem desde novos a respeito da educação financeira.

Não	127	9,0%
dinheiro	109	7,8%
gastar	67	4,8%
gaste	55	3,9%
Tem	27	1,9%
futuro	26	1,9%
você	26	1,9%
Saber	21	1,5%
sempre	21	1,5%
economizar	20	1,4%

Tabela 6 – Palavras mais utilizadas sobre o que os pais ensinaram a respeito do uso dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa

Novamente podemos dividir as palavras em dois grupos, observando a tabela 6. Primeiro, seria a recomendação dos pais para os filhos não gastarem o dinheiro, palavras como “não”, “gastar”, “gaste” e “dinheiro”, exemplificam isso. Entretanto, o ideal não seria dizer para o filho “não gaste”, mas sim, “gaste conscientemente”, ou “sabiamente”, porque o consumo é prazeroso e, portanto deve ser incentivado, mas de uma forma sã. De acordo com Eker (2006), a riqueza e a Educação Financeira devem provir de uma fonte virtuosa, em que você melhora seus hábitos como consumidor e estes hábitos fazem com que além de sobrar mais dinheiro, você melhore suas atitudes. Ainda, segundo o mesmo autor, de nada adianta a Educação Financeira ter raiz no medo ou a possibilidade de ficar pobre, pois assim o indivíduo, por mais dinheiro que tenha, nunca estará feliz.

Ainda de acordo com a tabela 6, no outro grupo encontramos palavras que pregam economia de dinheiro para necessidades futuras. Alguns exemplos são “tem”, “futuro”, “você”, “saber”, “sempre”, “economizar”. Guardar dinheiro para gastos posteriores sempre é recomendável, principalmente se forem para projetos mais caros, como pagamento da faculdade ou compra de uma casa ou carro. Entretanto, apenas guardar não nos torna pessoas mais ricas, e sim pessoas sem dívidas. Kiyosaki e Lechter (2000) costumam dizer que para alcançarmos a riqueza precisamos fazer o dinheiro trabalhar a nosso favor, principalmente através dos juros compostos. Como a poupança apenas cobre a inflação, não estamos ganhando dinheiro com seu rendimento, apenas mantendo o poder de compra do nosso dinheiro.

6.5 CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A primeira pergunta testando os alunos sobre alguns aspectos da Educação Financeira foi uma tabela, onde eles deveriam responder se acreditavam ter conhecimento em cada um dos tópicos listados. Seguem abaixo os resultados, na tabela 7.

Temas	Sim %	Não %	Não respondeu %
O que é o dinheiro, sua importância	77%	17%	6%
Valor do dinheiro no tempo	45%	48%	7%
Correção monetária	10%	80%	10%
Juros	66%	26%	8%
Como são as receitas, obtenção de recursos	10%	79%	11%
Orçamento, controle das finanças, fluxo de caixa	37%	54%	9%
Consumo consciente, classificação dos gastos	58%	34%	8%
Poupar, investir	85%	9%	6%
Risco, diversificação	24%	64%	12%
Serviços bancários (abertura de uma conta, cheque, cheque especial, custos e taxas, empréstimos, seguros, previdência)	46%	47%	7%
Malefícios e Benefícios do cartão de crédito	54%	36%	10%
Prestações, pagamentos antecipados e postecipados	49%	40%	11%
O que são impostos e taxas, sua importância	47%	45%	8%
Empreendedorismo	26%	65%	9%

Tabela 7 – Áreas da Educação Financeira em que os alunos acreditam ter conhecimentos

Fonte: Dados da pesquisa

Foram cinco as áreas em que mais da metade dos jovens estudantes relataram ter conhecimento. De acordo com a tabela 7, são elas: “O que é o dinheiro, sua importância”, “Juros”, “Consumo consciente, classificação dos gastos”, “Poupar, investir”, “Malefícios e Benefícios do cartão de crédito”.

Poupar e investir destaca-se, pois mais de 8 em cada 10 jovens diz saber como poupar ou investir dinheiro. Apesar de as duas palavras não terem o mesmo sentido, uma acaba levando a outra, pois, com apenas algumas exceções, só é possível investir caso tenha-se poupado dinheiro. A importância do dinheiro e o que é taxa de juros vêm logo depois. Realmente estes são assuntos mais citados na mídia em geral, portanto não é de se estranhar que a maioria dos jovens acredite ter conhecimento neles. Entretanto, saber o que é a taxa de juros, é algo muito diferente de saber usá-la a nosso favor, para ganhar dinheiro.

Continuando na tabela 7, o consumo consciente e as características do cartão de crédito também têm mais conhecedores do que desconhecedores. O cartão de crédito tem se popularizado muito nos últimos tempos, pela segurança e praticidade em sua utilização, e não é difícil encontrar jovens de 15 ou 16 anos comprando com cartões fornecidos pelos pais. O consumo consciente estar listado com um bom percentual de conhecedores é algo ótimo, pois toda atitude de compra bem pensada nos leva a uma melhor qualidade de vida.

As outras nove opções foram assinaladas como conhecidas por menos da metade dos alunos. Dentre as menos conhecidas, destacam-se a correção monetária e como são as receitas, obtenção de recursos. Com relação a correção monetária, era de se esperar o não-conhecimento por parte dos estudantes. Até 1994 ela era bem conhecida, em função da hiperinflação no Brasil, pois os balanços eram ajustados com base na Correção Monetária de Balanços (Lei 6.404/76). Hoje em dia o termo caiu em desuso, e os contadores optam por utilizar o termo Atualização Monetária. Com o fim da hiperinflação, os ajustes são feitos por causa das altas taxas de juros e também porque utilizamos o regime de câmbio flutuante.

Risco e diversificação também são termos aparentemente desconhecidos para os alunos, novamente de acordo com a tabela 7. Estes conceitos são realmente um pouco mais complexos que os outros, e ideias como a diversificação de uma carteira de ativos são termos que geralmente as pessoas só tomam conhecimento quando entram para o ensino superior.

Algo que me surpreendeu foi o baixo percentual de pessoas que conhecem Empreendedorismo. Eu acreditava que mais jovens conhecessem sobre o assunto, devido a diversas políticas de incentivo aos microempresários, tanto por parte do

governo federal, como por tarde instituições como o SEBRAE. Em minha opinião, empreendedores são a alavanca do crescimento econômico de um país.

Outros cinco termos, conforme a tabela 7, “O que são impostos e taxas, sua importância”; “Prestações, pagamentos antecipados e postecipados”; “Serviços bancários (abertura de uma conta, cheque, cheque especial, custos e taxas, empréstimos, seguros, previdência)”; “Valor do dinheiro no tempo”; “Orçamento, controle das finanças, fluxo de caixa”, tiveram um equilíbrio de opiniões entre os alunos. Penso que, de um modo geral, para jovens que nunca tiveram aulas educação financeira em suas escolas e muitos deles sequer tinha ouvido falar no assunto, estes percentuais se mostram relativamente bons. Mas há uma grande diferença entre saber e aplicar o que se sabe. Apenas conhecimento não basta. Acredito que se o conhecimento não for aplicado à prática, de nada servirá.

Quando questionados se o conhecimento do uso do dinheiro poderia lhes trazer mais liberdade, a imensa maioria dos jovens disse sim, como vemos no gráfico 15. Isso é algo realmente bom, pois a percepção de vincular o dinheiro à liberdade, proposta por Eker (2006), ao invés de vincular felicidade, tem como premissa a ideia que a felicidade deve ser encontrada antes e primeiro que qualquer bem material, pois o dinheiro apenas a alavancaria dando a pessoa mais liberdade de escolha em todos os aspectos da vida. Entretanto, caso a pessoa tenha uma vida desgostosa e ganhe muito dinheiro, o descontrole financeiro que esta pessoa passaria para tentar suprir a necessidade de felicidade comprando coisas, a faria pobre de novo. Segundo o autor, “os gastos excessivos têm pouco a ver com o que você está comprando e tudo a ver com a falta de satisfação na sua vida”.

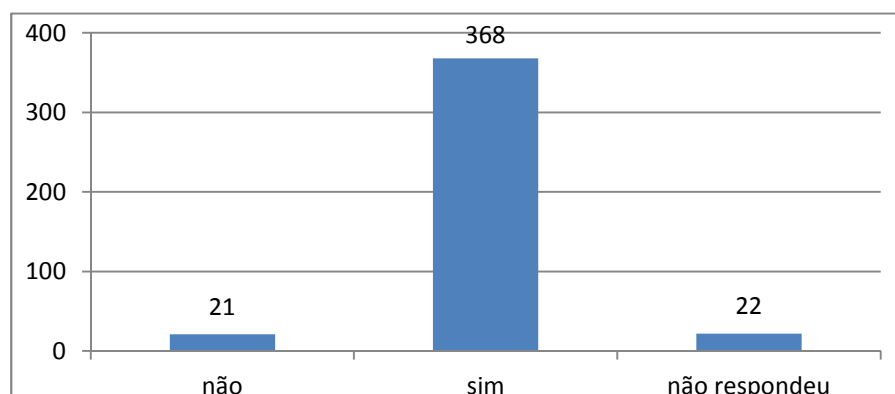


Gráfico 15 – Você acredita que Educação Financeira pode lhe trazer mais liberdade?

Fonte: Dados da pesquisa

A partir desse momento da pesquisa, começo a fazer pequenos testes com o aluno, a fim de identificar os conhecimentos financeiros declarados por ele na tabela 7, apresentada anteriormente.

Começo testando sua noção de juros. Pegando dinheiro emprestado no banco hoje, e devolvendo daqui doze meses, você terá devolvido mais, menos, ou a mesma quantia que pegou emprestado?

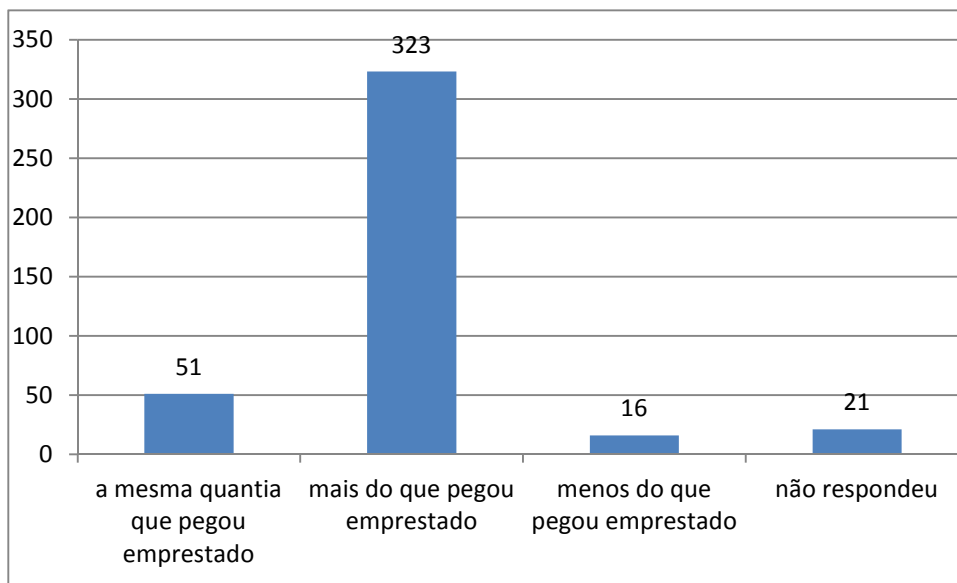


Gráfico 16 – Noção de juros

Fonte: Dados da pesquisa

Do total, 78,59% dos jovens acertou a resposta. Essa taxa é superior aos que disseram que tinham conhecimento sobre o que eram juros, 66%. Portanto o resultado pode ser considerado satisfatório. Apenas 16,30% dos que responderam não acertaram a resposta, e 5,11% não responderam. Todos esses dados podem ser verificados no gráfico 16.

Quando questionados se o dinheiro poderia trabalhar por eles ao invés do contrário, a maioria desacreditou esta opção. Realmente, esta ideia é um pouco mais complexa que a anterior, pois envolve uma questão de conhecer os investimentos que podem ser feitos com o dinheiro, além de entender bem conceitos como risco, diversificação e juros compostos. Mesmo assim, um bom percentual de alunos respondeu afirmativamente, 44,77%. Outros 5,6% preferiram não opinar, conforme vemos abaixo, no gráfico 17.

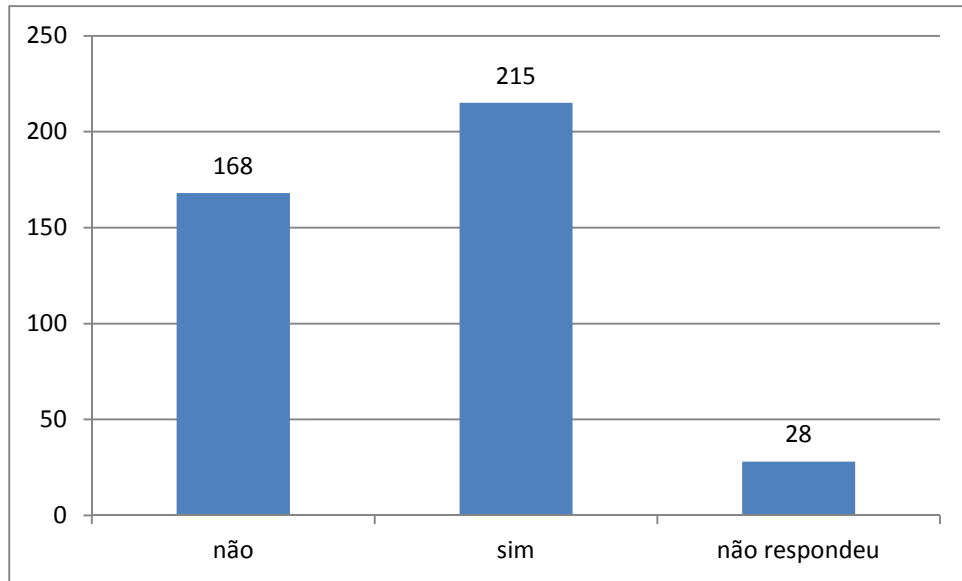


Gráfico 17 – O dinheiro pode trabalhar por você?

Fonte: Dados da pesquisa

Como essa questão envolve mais de um conceito presente na tabela 7, acredito não devemos fazer nenhuma relação direta com algum dos resultados daquela tabela.

Agora entramos em algumas questões voltadas mais para conhecimento de orçamento doméstico. A primeira delas visa descobrir se o aluno tem noção para onde vai seu dinheiro, onde e quanto ele gasta em cada compra.

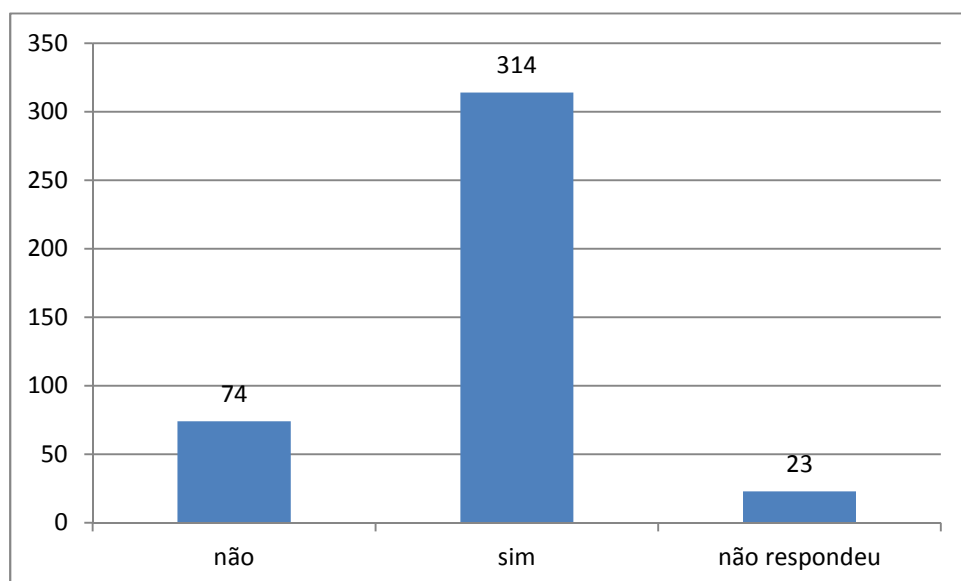


Gráfico 18 – Você sabe quanto e com o que gasta seu dinheiro?

Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 18 nos diz que a imensa maioria, 76,4% relata que conhece para onde vai seu dinheiro. Isso é de extrema importância, mesmo que apenas 37% deles tenham afirmado que conhecem algo sobre orçamento e controle das finanças. Saber onde gasta seu dinheiro é o primeiro passo para elaborar um orçamento adequado e para ter um maior controle sobre sua vida financeira. Mas apenas saber isso não basta. De posse destas informações devem ser elaboradas estratégias para a contenção de gastos supérfluos e investimento do dinheiro que sobra. Uma taxa de 18% não sabe para onde vai seu dinheiro e 5,6% optaram por não responder.

Continuando questões sobre orçamento, os jovens foram questionados se seus gastos eram planejados. É de conhecimento público que o planejamento é uma característica administrativa por excelência. Analisar e tomar decisões com base no conhecimento adquirido e disponível faz parte desse planejamento.

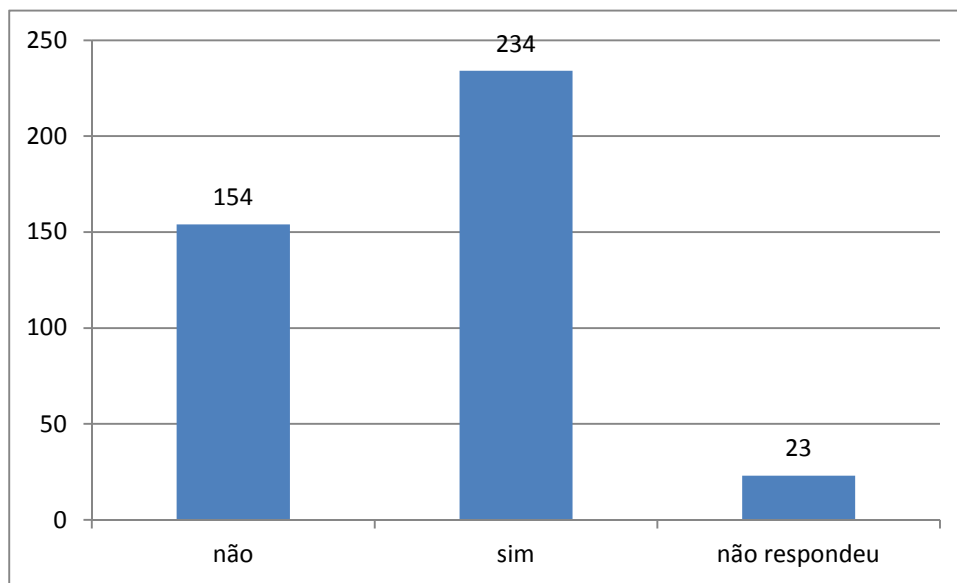


Gráfico 19 – Seus gastos são planejados?

Fonte: Dados da pesquisa

Mais da metade dos alunos diz que planeja seus gastos, conforme o gráfico 19. O planejamento permite maiores e melhores decisões por parte das pessoas. Impacta principalmente nos resultados das ações. Quando falamos em planejamento dentro das finanças, estamos falando em controle e análise dos gastos e melhores opções de investimento do dinheiro que sobra. O interessante é que apenas 37% disseram que entendiam sobre orçamento, entretanto 56,93% diz

que planeja seus gastos. Infelizmente 37,47% dos alunos não faz nenhum tipo de planejamento a respeito do uso dinheiro e, portanto, correm um sério risco de se tornarem adultos endividados. 5,6% não responderam a essa questão.

O mesmo percentual de alunos, 56,93%, diz, de acordo com o gráfico 20, que ao fim do mês sobra algum dinheiro do que eles ganharam. Quando sobra dinheiro após pagar todas as contas, as pessoas começam a deixar a “corrida dos ratos” e começam a entrar na “pista de alta velocidade”. Basta que elas comecem a investir esse dinheiro e os juros compostos fazem o resto (KIYOSAKI e LECHTER, 2000). Alguns alunos, 36,74%, dizem que não sobra dinheiro ao final do mês e 6,33% não responderam.

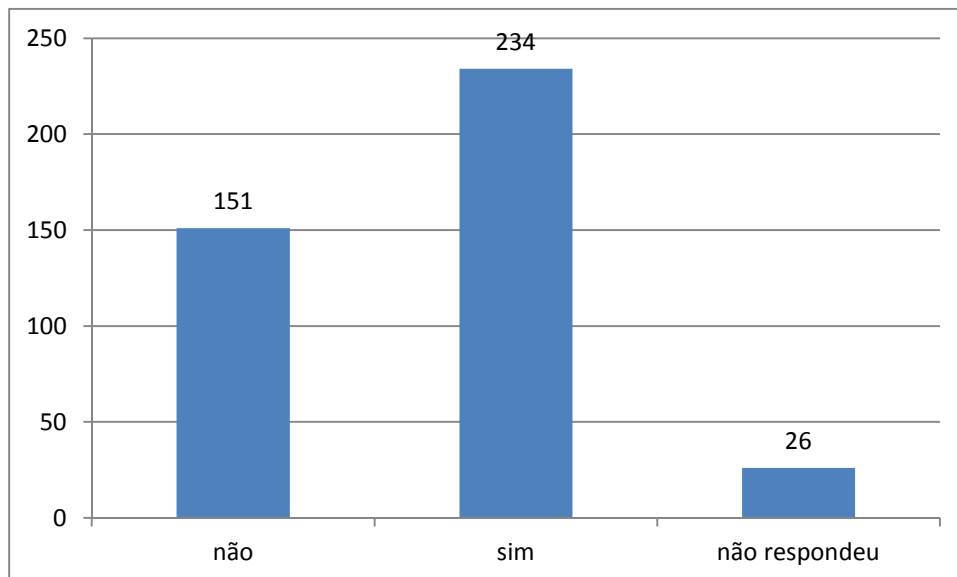


Gráfico 20 – Ao fim do mês, sobra algum dinheiro?

Fonte: Dados da pesquisa

Os estudantes também foram questionados se, costumeiramente, eles poupam dinheiro ou gastam tudo que recebem. O gráfico 21 revela que, do total, 69,83% disseram ter o costume de poupar. É algo estranho quando comparado com o fato de 56,93% dizerem que ao final do mês sobra dinheiro. Ora, se você tem o costume de poupar, não deveria sobra dinheiro ao final do mês, na maioria das vezes? A diferença, de 12,9 pontos percentuais representa a opinião de 53 jovens. Também é estranho que 85% dos alunos declarem conhecer as características da poupança e não a utilizem. Descartando os casos que isso não é possível, pela

questão da baixa renda, acredito que nos demais ela advém da má gestão dos recursos.

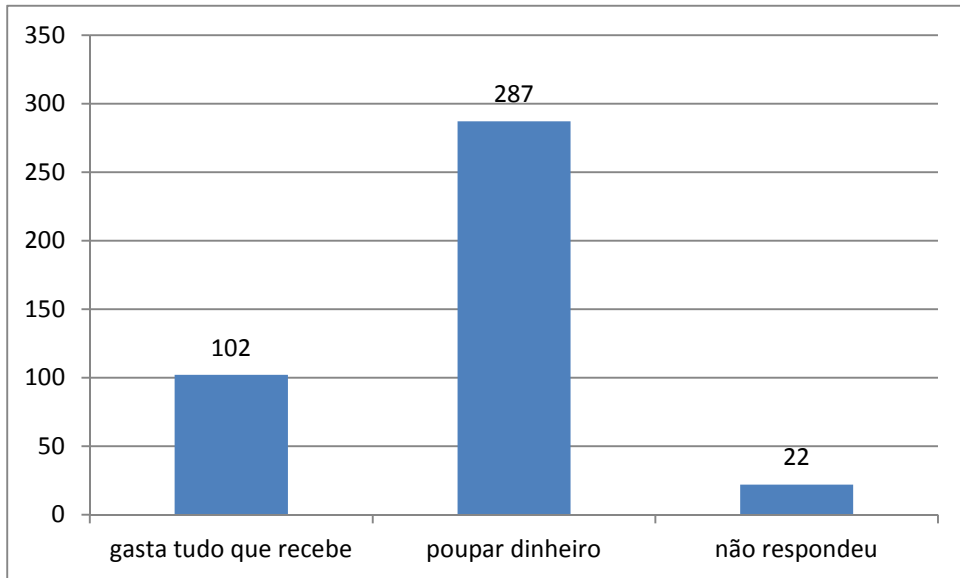


Gráfico 21 – Você tem o costume de?

Fonte: Dados da pesquisa

Será que os jovens sabem como investir seu dinheiro? De acordo com as respostas dadas por estes alunos de escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada, podemos duvidar. As respostas foram bem divididas, e seguem abaixo, no gráfico 22.

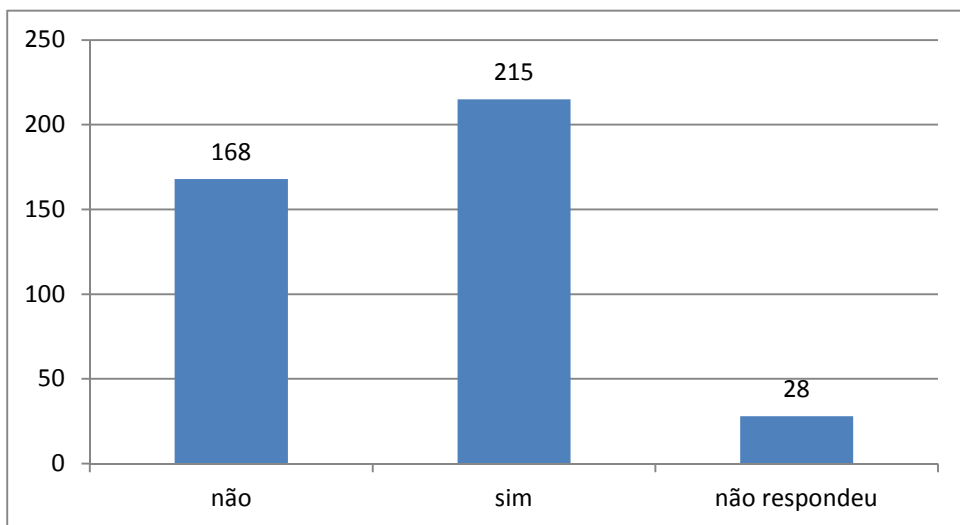


Gráfico 22 – Sabe investir seu dinheiro?

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria, 52,31% diz que sabe como investir seu dinheiro. Pude perceber, nas respostas dissertativas, como as de número 9, 18 e 36, que os jovens muitas vezes confundem investimento com consumo consciente. Ou seja, o adolescente acredita que realizando as compras certas está “investindo” bem o seu dinheiro. Na realidade ele está gastando bem o dinheiro, o que é muito diferente de investir. No investimento, você aceita correr um risco calculado em troca de um retorno financeiro futuro. Talvez haja, para os jovens, este equívoco no significado das palavras. Outros 40,88% admitiram não saber investir e 6,81% optaram por não responder.

Após isso, foram apresentadas algumas instituições que são facilmente identificáveis por quem transita pelo meio dos investimentos. Foi pedido que os alunos marcassem quais delas são conhecidas para eles. Cabe lembrar que como era possível marcar mais de uma alternativa, os percentuais passam de 100%, e neste caso também não estão listados os não respondentes.

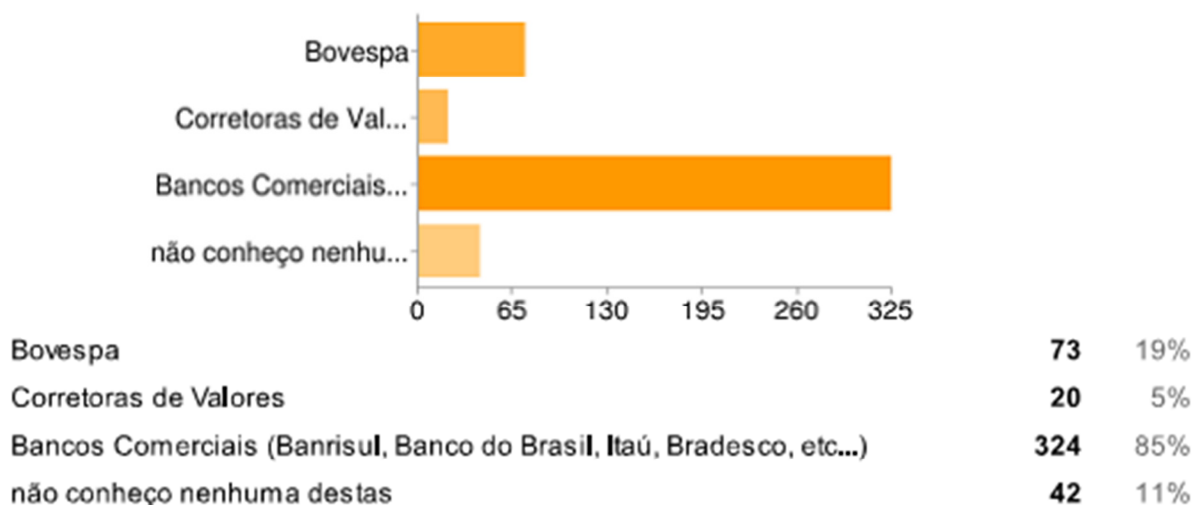


Gráfico 23 – Quais destas instituições você conhece?

Fonte: Dados da pesquisa

Quase todos os alunos conhecem os bancos comerciais, como vemos acima no gráfico 23. Com toda a certeza, as propagandas em rádio, televisão e internet proporcionam toda essa popularidade para as instituições bancárias. A bolsa de valores, menos conhecida, aparece em segundo lugar provavelmente porque é citada corriqueiramente em jornais televisivos. Corretoras de valores são instituições que além de não fazerem propaganda em meios de comunicação de massa, como rádio e televisão, são intimamente ligadas apenas com investidores, portanto, quem

não atua no ramo provavelmente não tem muito conhecimento de sua existência. Uma pequena parcela dos respondentes declarou não ter conhecimento de nenhuma das organizações.

Tocando na questão do risco, foi colocada uma pergunta para saber se os estudantes estavam cientes de que nem sempre um investimento tem o retorno desejado e que não são raras as vezes, você pode perder muito do que aplicou.

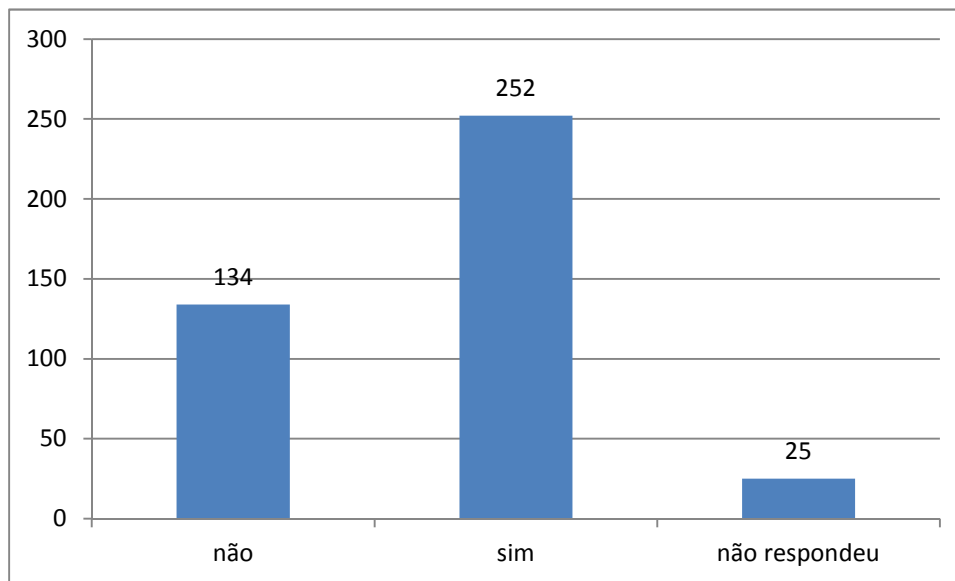


Gráfico 24 – Imagina a possibilidade de não receber o valor investido de volta?

Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 24 revela que, em geral, os estudantes declaram-se cientes do risco que correm ao investir o dinheiro. Isso é importante principalmente pelo fato de ao estarmos cientes da possibilidade de perda, podemos elaborar estratégias para caso ela ocorra. Um exemplo é a pessoa que investe boa parte de seu capital na bolsa de valores. Ciente da possibilidade da perda, ela deixa uma reserva em renda fixa, ou poupança, para caso a bolsa caia fortemente e ela tenha algum imprevisto em sua vida, possa ter dinheiro sobrando. Caso ela não tivesse ciência da possibilidade de perda, e colocasse todo seu dinheiro na bolsa, quando as cotações caíssem a pessoa se veria em desespero, caso precisasse urgentemente do dinheiro.

Com relação aos serviços bancários, os mais utilizados por jovens estudantes são o cartão de crédito e os extratos, de acordo com o gráfico 25. Entretanto uma grande parcela ainda não utiliza nenhum dos serviços. Novamente, neste caso, a

soma dos percentuais pode passar de 100% porque poderiam ser marcadas mais de uma alternativa. No gráfico não constam os não respondentes a essa questão, totalizando 23 alunos.

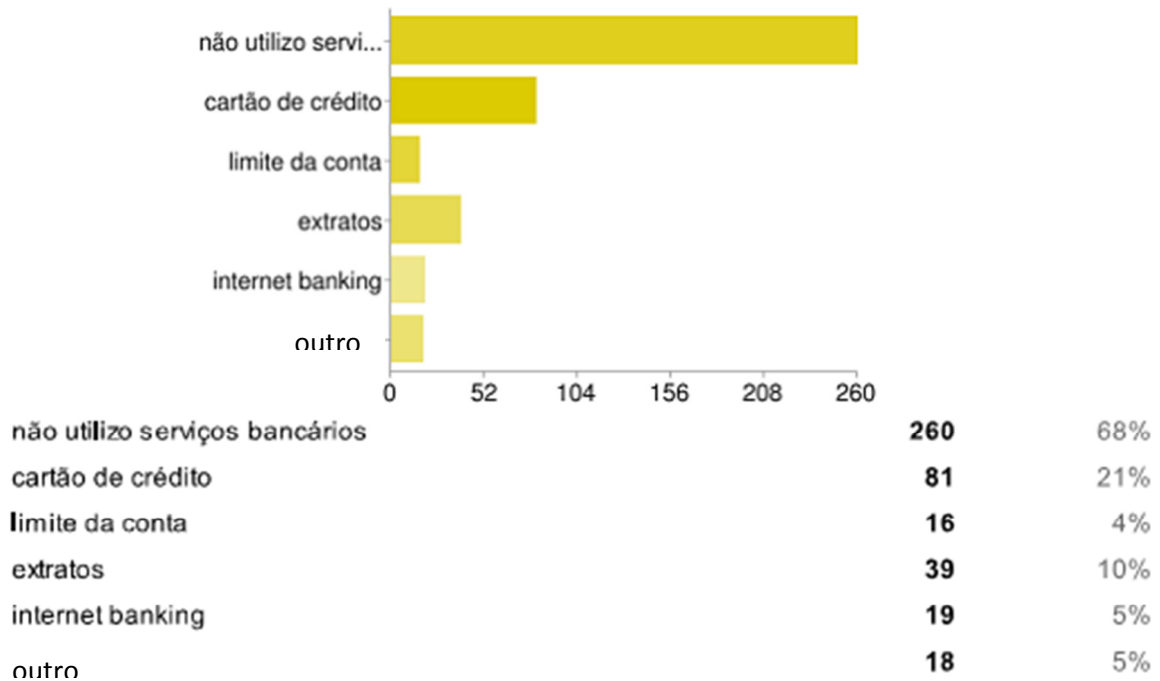


Gráfico 25 – Quais destes serviços bancários você utiliza?

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda citando o gráfico 25, quase 70% dos jovens não utilizam serviços bancários. Como a maioria não está presente ainda no mercado de trabalho, apenas 25,55% trabalham, é natural que os outros não utilizem estes serviços. Entretanto os serviços financeiros vêm se popularizando. De acordo com reportagem da Revista Veja (2011), em torno de 60% dos brasileiros já tem conta em banco, e a tendência é aumentar cada vez mais, embalado pela onda de crescimento econômico vivida hoje em nosso país.

Como vimos na questão acima, o cartão de crédito é o instrumento financeiro mais popular entre os jovens. E é justamente nesse ponto que toca a próxima questão. Será que eles consideram o cartão de crédito algo bom ou ruim de ser utilizado?

A maior parte deles teve uma opinião equilibrada, e declarou que os benefícios ou malefícios dependem de como o usuário os gerencia, como vemos no gráfico 26. Essa resposta alcançou a taxa de 75,18%. Apenas 17,76% foram

extremistas e o consideraram totalmente maléfico ou benéfico. Não responderam essa questão um total de 7,06% dos alunos.

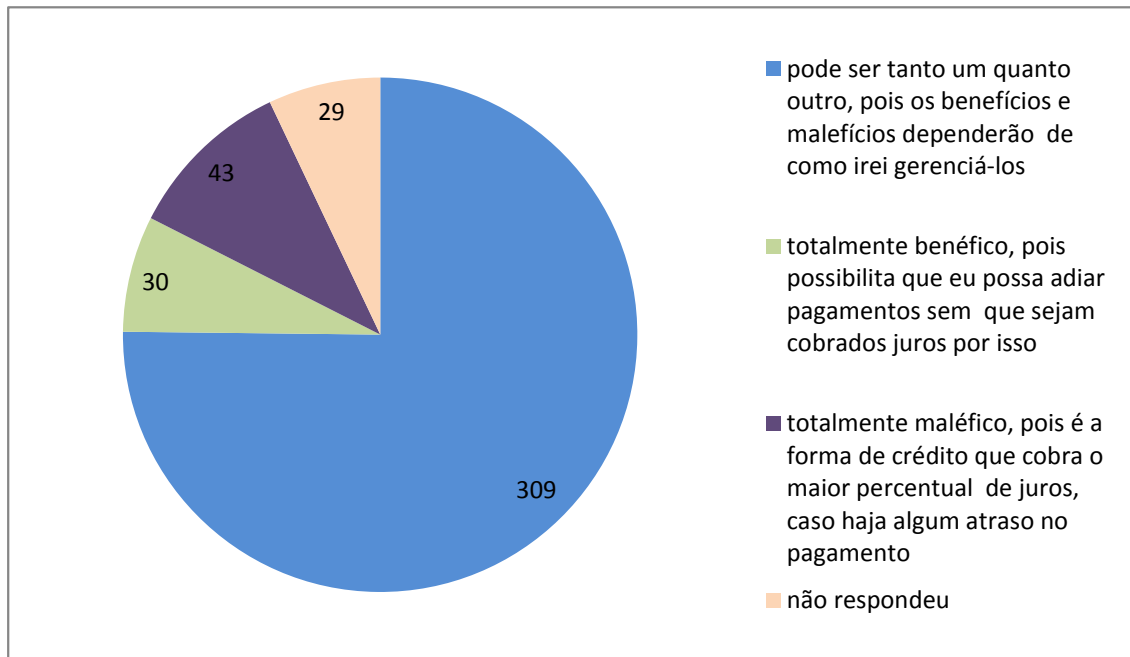


Gráfico 26 – Qual a sua opinião a respeito do cartão de crédito

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação ao parcelamento das compras, a opinião é parecida. Da amostra pesquisada, 62,77% disseram que fariam o parcelamento dependendo das condições oferecidas pelo vendedor, de acordo com o gráfico 27. Isso mostra mais uma vez uma atitude de consumo consciente. Enquanto 33,58% optaram por uma opção mais extremista, dizendo que são a favor ou contra o parcelamento independentemente das condições.

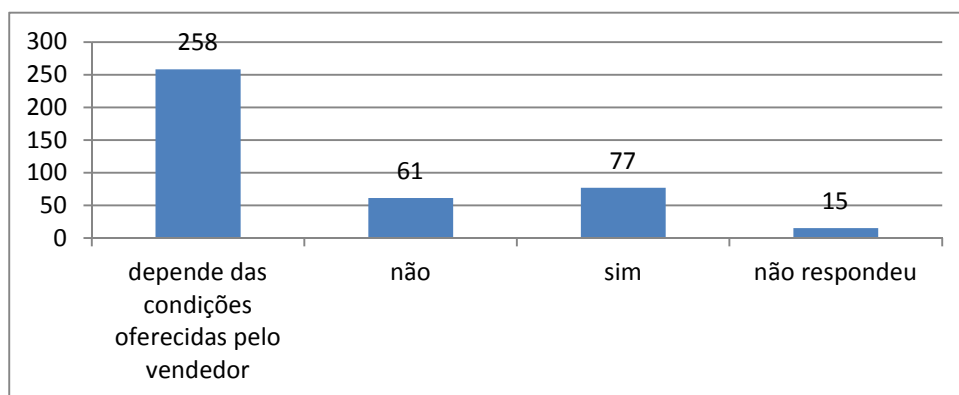


Gráfico 27 – Parcelamento é uma boa maneira para adquirir os bens?

Fonte: Dados da pesquisa

Uma questão fundamental para maximizar nossos rendimentos e também uma questão de cidadania é saber o quanto pagamos e para onde vai o dinheiro dos nossos impostos. Os jovens foram questionados sobre isso, e a pesquisa apresentou o seguinte resultado, no gráfico 28.

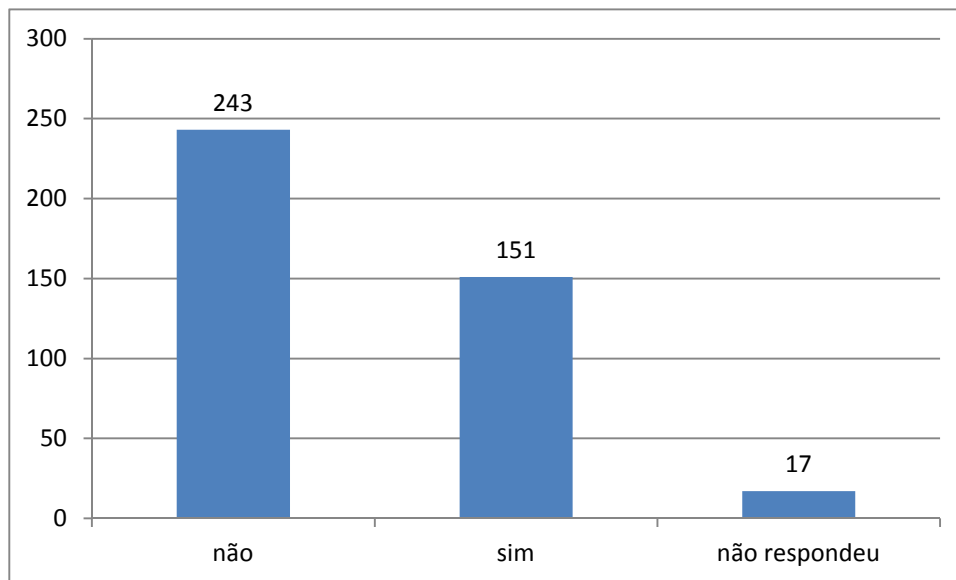


Gráfico 28 – Você sabe para onde é aplicado o dinheiro dos impostos?

Fonte: Dados da pesquisa

A menor parte dos jovens disse saber o destino do dinheiro pago ao governo. Isso é preocupante sob vários aspectos. Conhecendo mais sobre a destinação do dinheiro é possível cobrar mais dos governantes e também é possível avaliar de um modo mais justo cada modelo de gestão.

Foi pedido que esses jovens citassem exemplo de aplicabilidade dos impostos.

Na tabela 8, vemos que os setores mais citados foram “saúde” e “educação”. Como não vivemos uma realidade de extrema violência, como no Rio de Janeiro, segurança foi um pouco deixada de lado. A palavra “político” também foi bastante citada, em alguns casos relacionada às palavras “roubo” ou “bolso”, lembrando célebres casos de corrupção em nosso país. Acredito que, de um modo geral, os jovens realmente aparentam saber onde o dinheiro é aplicado em nosso país, mas mostram um pouco de descrença com a honestidade dos políticos, principalmente por notícias veiculadas na mídia, conforme citada em algumas respostas.

Saúde	37	3,6%
dinheiro	33	3,2%
Vai	33	3,2%
Cidade	27	2,6%
educação	27	2,6%
Não	26	2,5%
políticos	21	2,0%
governo	19	1,8%
melhorias	19	1,8%
escolas	18	1,7%

Tabela 8 – Aplicabilidade dos impostos

Fonte: Dados da pesquisa

Tocando na questão do empreendedorismo, apesar de 65% dos alunos declarar não conhecer sobre o assunto, conforme a tabela 7, eles se mostraram bastante motivados a ter o próprio negócio.

Da amostra pesquisada, no gráfico 29 vemos que 71,78% dizem que gostariam de ter seu próprio negócio, seja porque teriam maior controle sobre suas vidas ou porque seus rendimentos dependeriam diretamente de seus esforços. Apenas 9% dos respondentes não gostaram da ideia, pois acreditam não ter talento para gerenciar, ou então porque querem evitar maiores preocupações com o trabalho.

Alguns não tiraram conclusões a respeito, em torno de 15% dos entrevistados. E, do total, 4,14% dos estudantes não respondeu a essa questão.

Fica evidente o fato de que com o incentivo adequado, seja por parte do governo ou da iniciativa privada, o empreendedorismo tem muito a crescer no Brasil.

A desburocratização do setor público seria uma ótima medida para tornar mais fácil e rápida a inserção de uma empresa iniciante no mercado.

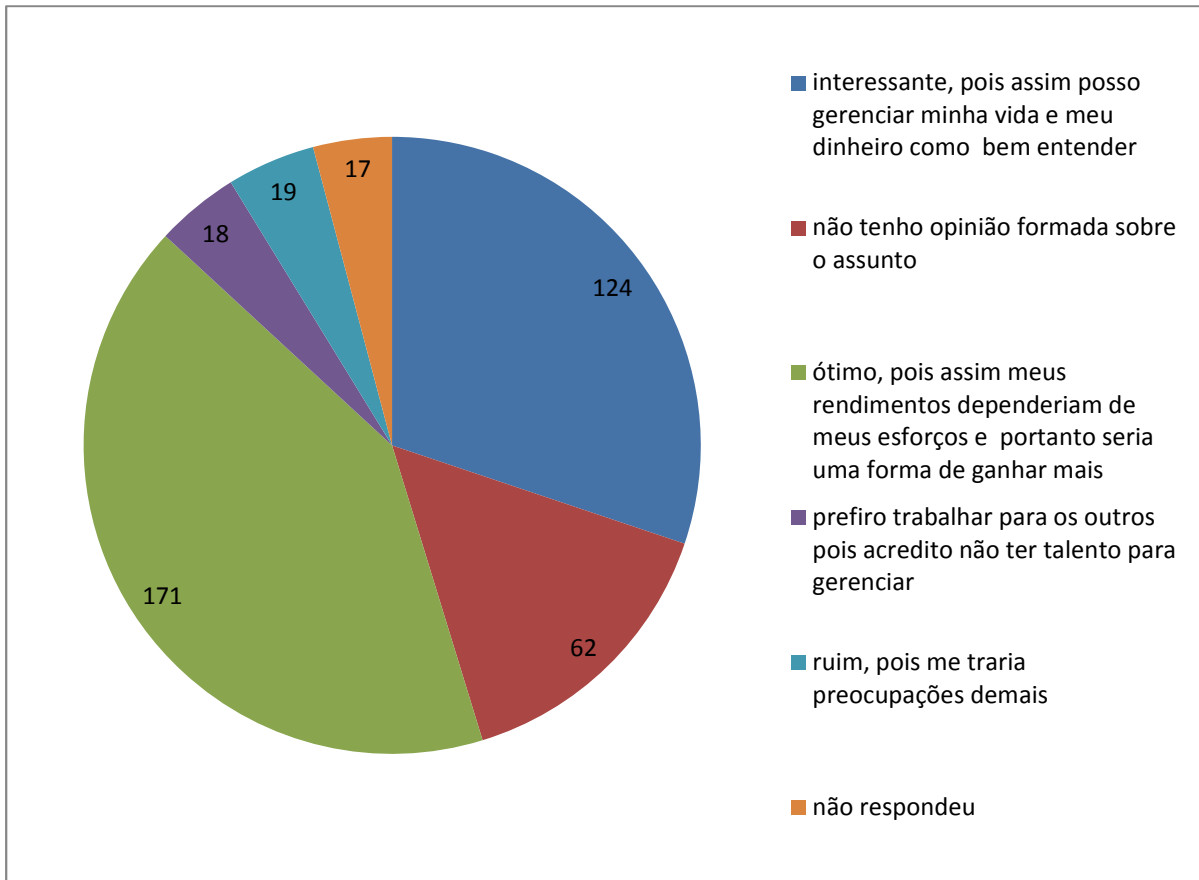


Gráfico 29 – Ser dono do próprio negócio é?

Fonte: Dados da pesquisa

6.6 OPINIÃO DO ALUNO

Nesta última questão do formulário, foi aberto um espaço para os estudantes expressarem a sua opinião a respeito de algo que ache pertinente. Foram diversas as opiniões, algumas de incentivo, outras nem tanto. Vários alunos se disseram interessando em ter uma disciplina como essa em suas escolas. Alguns poucos demonstraram desinteresse. Também foi feita uma lista com as palavras mais

citadas por eles, e ela pode ser conferida logo abaixo, na tabela 9. Naturalmente, a maioria declarou que não tinha algo a acrescentar.

não	93	11,5%
dinheiro	44	5,4%
ter	13	1,6%
educação	12	1,5%
eu	12	1,5%
financeira	12	1,5%
tem	11	1,4%
melhor	10	1,2%
saber	10	1,2%
só	10	1,2%

Tabela 9 – Você tem algum comentário que ache pertinente compartilhar?

Fonte: Dados da pesquisa

Tirando a primeira colocada, em que os alunos disseram que não tem o que acrescentar, a tabela 9 revela que as demais têm sempre uma conotação no sentido de que devemos nos educar melhor, saber mais, buscar conhecimento a respeito do dinheiro, para que possamos ter uma vida melhor e acumulá-lo cada vez mais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 CONCLUSÃO

Conclui-se que grande parte dos alunos de Ensino Médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada não têm conhecimento suficiente Educação Financeira. Esta afirmativa baseia-se principalmente no baixíssimo percentual de alunos que declara não conhecer alguns conceitos fundamentais sobre o uso do dinheiro, como risco e obtenção de receitas, por exemplo.

Algumas outras peculiaridades interessantes deste grupo é que eles têm muita vontade de aprender sobre o tema, mas a escola e os pais não estão os ensinando, principalmente por causa da cultura impregnada na sociedade, de aversão a qualquer discussão que envolva dinheiro.

Isso gera uma ótima oportunidade de empreender algo a respeito. Uma consultoria focada em educação financeira provavelmente teria uma boa demanda de seus serviços.

Os jovens estudantes em geral têm uma boa noção de onde são aplicados os recursos públicos advindos dos impostos, mas têm uma descrença grande com relação a correta aplicação dos mesmos.

O empreendedorismo é visto com bons olhos pelos alunos, apesar de declarem não ter muito conhecimento a respeito de como ele funciona.

7.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

De fato, existem poucos trabalhos tratando sobre Educação Financeira em nosso país. Isso faz com que os trabalhos hoje existentes tenham uma forte característica descritiva, para se seja possível reunir um conhecimento mínimo do assunto, a ser trabalho futuramente por outros pesquisadores.

Neste trabalho houve duas grandes limitações: tempo e física. Tempo porque como temos que cumprir prazos relativamente curtos, não foi possível contatar um número maior de escolas para que pudesse ser aplicada a pesquisa. E física no sentido de visitar as escolas, o que muitas vezes retardava o trabalho pela questão da dificuldade de contatá-las, para aplicar o questionário nas turmas. Também houve um grande trabalho para passar as informações contidas nos questionários para o computador. O número de escolas participantes com certeza seria maior se tivéssemos mais alguns meses para insistir.

7.3 SUGESTÕES DE PESQUISA

Acredito que um trabalho comparando escolas e alunos onde a Educação Financeira é trabalhada com escolas e alunos que estudam em locais que não é trabalhada seria muito interessante, pois poderíamos perceber a diferença de conhecimento entre estes alunos, supondo que ela exista.

Também seria interessante elaborar uma metodologia a respeito de como deveria ser trabalhado este assunto em uma consultoria financeira, pois como parece haver uma forte demanda por esse tipo de conhecimento, reside aí uma ótima oportunidade de negócio.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. **Educação financeira nas escolas já mostra resultados e pode ajudar no combate a inflação.** 09 de maio de 2011. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-05-09/educacao-financeira-nas-escolas-ja-mostra-resultados-e-pode-ajudar-no-combate-inflacao>>. Acesso em 26 de Maio de 2011.

Banco Central do Brasil. **O programa de educação financeira.** 2010. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?PEFINTRODUCAO>>. Acesso em: 27 de Maio de 2011.

BM&F Bovespa. **Educacional para jovens e crianças.** 2010. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/intros/intro-jovens-e-criancas.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 28 de Maio de 2011.

COMO investir? Guia de Estudantes. São Paulo: ANBIMA, 2010.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Brasília: 23 de Dezembro de 2010. Diário.

DIÁRIO OFICIAL DE UNIÃO. **Lei Nº 6.404, de 15 de Dezembro de 1976.** 1976. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404consol.htm>. Acesso em 20 de Novembro de 2011.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **E o que é Educação Financeira?** 2006. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/conteudo.asp?inicio=SIM&id_area=3>. Acesso em 19 de Novembro de 2011.

EKER, T. Haver. **Os segredos da mente milionária.** 1. Ed. São Paulo: Sextante, 2006.

FEBRABAN. **Educação FEBRABAN.** 2010. Disponível em: <<http://www.febraban.org.br/Educacao.asp?modulo=Educação>>. Acesso em 28 de Maio 2011.

Folha de São Paulo. **Escola Pública inicia projeto de educação financeira.** 09 de ago. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/780001-escola-publica-inicia-projeto-de-educacao-financeira.shtml>>. Acesso em 20 de abril de 2011.

Gets Smarter About Money. **Whats is financial literacy?** 2004. Disponível em: <<http://www.getsmarteraboutmoney.ca/managing-your-money/planning/investing-basics/Pages/what-is-financial-literacy.aspx>>. Acesso em 25 de Maio de 2011.

GIL, Antonio. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Jornal do Brasil. **Sergio Cabral inaugura primeira escola de educação financeira do país.** 22 de mar. de 2011. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/economia/noticias/2011/03/22/sergio-cabral-inaugura-primeira-escola-de-educacao-financeira-do-pais/>>. Acesso em 20 de abril de 2011.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai Rico Pai Pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** 61. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

LUCCI, Cíntia R.; ZERRENNER, Sabrina A.; VERRONE, Marco A G.; SANTOS, Sérgio C dos. **A influência da Educação Financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos.** São Paulo, 2006.

MACHADO, Diego da M. **Educação Financeira nas Escolas de Porto Alegre.** Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

OCDE. Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. **Recommendation on principles and good practices for financial education and Awareness.** Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/52/7/46193218.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2011.

REVISTA VEJA. **Brasileiros sem conta em banco chegam a 40%, diz IPEA.** 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/brasileiros-sem-conta-em-banco-chegam-a-40-diz-ipea>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2011.

ROGERS, Pablo.; FAVATO, Verônica.; SECURATO, José R. **Efeito Educação Financeira no processo de tomada de decisões em investimentos: um estudo a luz das finanças comportamentais.** São Paulo, 2007.

SANTOS, Giovana L. da C.; SANTOS, César S. dos. **Rico ou pobre: uma questão de educação.** 1. ed. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

SAVOIA, José R F.; SAITO, André T.; SANTANA, Flávia de A. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-41, nov./dez. 2007.

UNICEF. **Oferta do Ensino Médio será Obrigatória em todo o país.** 2010. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/RPIAbril2010.pdf>>. Acesso em 19 de Novembro de 2011.

VERGARA, Sylvia. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 10^a. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Vida e Dinheiro. **O que é ENEF?** 2010. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/Default.aspx>>. Acesso em 26 de Maio de 2011.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 2^a. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

CRONOGRAMA

Atividades	Agosto				Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Revisão do problema e dos objetivos																				
Refinamento da revisão teórica																				
Definição dos instrumentos de pesquisa																				
Coleta de dados qualit. e quantitativos																				
Transcrição/ tabulação																				
Análise de dados																				
Redação final																				
Entrega do TCC																				

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS



Educação Financeira nas Escolas

Pablo Giordano Giralddi dos Santos

Orientador – Prof. Dr. Jairo Laser Procianoy

Dados do Aluno:

- 1) Nome da Instituição de Ensino:
- 2) Nome do aluno:
- 3) Em que série você está?
 - a. Primeiro ano do Ensino Médio
 - b. Segundo ano do Ensino Médio
- 4) Qual a sua idade?
- 5) Somando todos os rendimentos de sua família, em qual destas opções ele se encaixa?
 - a. até R\$ 2.300,00
 - b. entre R\$ 2.300,00 e R\$ 8.100,00
 - c. entre de R\$ 8.100,00 e R\$ 14.400,00
 - d. acima de R\$ 14.400,00
 - e. não sei

Abordagem inicial sobre Educação Financeira:

- 6) Você conhece ou já ouviu falar em Educação Financeira?
 - a. Sim
 - b. Não
- 7) Onde adquiriu conhecimentos a respeito deste tema (marque mais de uma, se for o caso)?
 - a. escola
 - b. internet
 - c. família
 - d. jornais, livros ou revistas
 - e. amigos
 - f. nunca ouvi falar sobre o tema
 - g. outro: _____
- 8) Acredita que aprender sobre o uso do dinheiro é importante para sua vida?
 - a. Sim
 - b. Não
- 9) Cite três vantagens, caso a resposta questão anterior tenha sido 'sim', ou desvantagens, caso a resposta questão anterior tenha sido 'não', que você acredita que a educação financeira pode trazer para sua vida.

Participação dos Pais e Escola:

- 10) Sua escola tem ou teve alguma iniciativa ou projeto a respeito de Educação Financeira?
- sim
 - não (pule a próxima questão)
 - não sei (pule a próxima questão)
- 11) Esta iniciativa:
- ocorre(u) nas aulas, inserida em outras disciplinas
 - ocorre(u) nas aulas, em disciplina específica
 - é(foi) extra classe
- 12) Você acredita ser importante o ensino deste tema em sua escola?
- sim
 - não
- 13) Você recebe algum dinheiro de seus pais ou responsável?
- Sim, e posso geri-lo de acordo com minha vontade
 - Sim, mas não posso geri-lo
 - Não, pois já trabalho (pule a próxima questão)
 - Não recebo, nem trabalho (pule a próxima questão)
- 14) Qual a frequência em que você recebe?
- Diariamente
 - Semanalmente
 - Mensalmente
 - Não há periodicidade definida
- 15) Qual a importância que você acreditaria ter o recebimento dessa quantia, mesmo que não receba?
- nenhuma.
 - para gastar com o que gosto
 - pagar minhas contas
 - ajudar em minha educação financeira
 - outro: _____
- 16) Seus pais têm (tinham) o costume de conversar sobre negócios ou dinheiro com você?
- sim
 - não
- 17) Seus pais costumam (costumavam) poupar dinheiro?
- sim
 - não
 - não sei
- 18) O que seus pais lhe ensinaram a respeito do uso do dinheiro? Se isso pudesse ser resumido em uma frase, qual seria?

Conhecimento em Educação Financeira

- 19) Acredita ter conhecimento em algum destes temas?

Temas	Sim	Não
O que é o dinheiro , sua importância		
Valor do dinheiro no tempo		
Correção monetária		

Juros		
Como são as receitas, obtenção de recursos		
Orçamento, controle das finanças, fluxo de caixa		
Consumo consciente, classificação dos gastos		
Poupar, investir		
Risco, diversificação		
Serviços bancários (abertura de uma conta, cheque, cheque especial, custos e taxas, empréstimos, seguros, previdência)		
Malefícios e Benefícios do cartão de crédito		
Prestações, pagamentos antecipados e postecipados		
O que são impostos e taxas, sua importância		
Empreendedorismo		

- 20) Você acredita que um maior conhecimento do uso do dinheiro pode lhe trazer maior liberdade de escolha em sua vida?
- sim
 - não
- 21) Se você pegar dinheiro emprestado no banco hoje, e devolver este dinheiro daqui doze meses, terá devolvido:
- menos do que pegou emprestado
 - a mesma quantia que pegou emprestado
 - mais do que pegou emprestado
- 22) Você acredita que o dinheiro pode trabalhar por você, ao invés de você trabalhar por ele?
- sim
 - não
- 23) De um modo geral, você sabe quanto e com o que gasta seu dinheiro?
- sim
 - não
- 24) Os seus gastos são planejados?
- sim
 - não
- 25) Ao fim do mês, sobra algum dinheiro?
- sim
 - não
- 26) Tem o costume de:
- Poupar Dinheiro
 - Gasta tudo o que recebe
- 27) Acredita que sabe como investir seu dinheiro?
- sim

- b. não
- 28) Marque as instituições as quais você conhece sua respectiva função?
- Bovespa
 - Corretoras de Valores
 - Bancos Comerciais (Banrisul, Banco do Brasil, Itaú, Bradesco, etc...)
 - não conheço nenhuma destas
- 29) Quando seu dinheiro está investido, imagina a possibilidade de não receber o valor de volta?
- sim
 - não
- 30) Quais desses serviços bancários você utiliza?
- não utilizo serviços bancários
 - cartão de crédito
 - limite da conta
 - extratos
 - internet banking
 - outros. Cite: _____
- 31) Com relação ao cartão de crédito, você acredita que ele é:
- totalmente benéfico, pois possibilita que eu possa adiar pagamentos sem que sejam cobrados juros por isso
 - totalmente maléfico, pois é a forma de crédito que cobra o maior percentual de juros, caso haja algum atraso no pagamento
 - pode ser tanto um quanto outro, pois os benefícios e malefícios dependerão de como irei gerenciá-los
- 32) Você acredita que o parcelamento é uma boa maneira de adquirir os bens que precisamos?
- sim
 - não
 - depende das condições oferecidas pelo vendedor
- 33) Você sabe o que acontece com o imposto pago pelas pessoas ao governo?
- sim
 - não
- 34) Cite dois exemplos relativos a pergunta anterior.
- 35) Ser dono do próprio negócio é algo:
- interessante, pois assim posso gerenciar minha vida e meu dinheiro como bem entender
 - ruim, pois me traria preocupações demais
 - ótimo, pois assim meus rendimentos dependeriam de meus esforços e portanto seria uma forma de ganhar mais
 - prefiro trabalhar para os outros pois acredito não ter talento para gerenciar
 - não tenho opinião formada sobre o assunto

Opinião do aluno

- 36) Existe alguma informação ou comentário que você pense ser importante compartilhar?

**ANEXO A – DECRETO QUE INSTITUI A ESTRATÉGIA NACIONAL DE
EDUCAÇÃO FINANCEIRA**



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 7.397, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2010.

Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.

Art. 2º A ENEF será implementada em conformidade com as seguintes diretrizes:

- I - atuação permanente e em âmbito nacional;
- II - gratuidade das ações de educação financeira;
- III - prevalência do interesse público;
- IV - atuação por meio de informação, formação e orientação;
- V - centralização da gestão e descentralização da execução das atividades;
- VI - formação de parcerias com órgãos e entidades públicas e instituições privadas; e
- VII - avaliação e revisão periódicas e permanentes.

Art. 3º Com o objetivo de definir planos, programas, ações e coordenar a execução da ENEF, é instituído, no âmbito do Ministério da Fazenda, o Comitê Nacional de Educação Financeira - CONEF, cuja composição compreenderá:

- I - um Diretor do Banco Central do Brasil;
- II - o Presidente da Comissão de Valores Mobiliários;
- III - o Diretor-Superintendente da Superintendência Nacional de Previdência Complementar;
- IV - o Superintendente da Superintendência de Seguros Privados;
- V - o Secretário-Executivo do Ministério da Fazenda;
- VI - o Secretário-Executivo do Ministério da Educação;
- VII - o Secretário-Executivo do Ministério da Previdência Social;
- VIII - o Secretário-Executivo do Ministério da Justiça; e
- IX - quatro representantes da sociedade civil, na forma do § 2º.

§ 1º Os representantes de que tratam os incisos I a VIII, bem como seus suplentes, serão indicados pelos seus respectivos órgãos e entidades, no prazo de quinze dias contados da publicação deste Decreto.

§ 2º Os representantes de que trata o inciso IX, bem como seus suplentes, serão indicados nos termos estabelecidos pelo regimento interno do CONEF.

§ 3º Os representantes indicados na forma dos §§ 1º e 2º serão designados em ato do Ministro de Estado da Fazenda.

§ 4º O CONEF será presidido, a cada período de seis meses, em regime de rodízio e na ordem a seguir, pelo representante do Banco Central do Brasil, da Comissão de Valores Mobiliários, da Superintendência Nacional de Previdência Complementar, da Superintendência de Seguros Privados e do Ministério da Fazenda.

§ 5º O Banco Central do Brasil exercerá a secretaria-executiva do CONEF, prestando o apoio administrativo e os meios necessários à execução dos objetivos do Comitê.

§ 6º O CONEF poderá criar grupos de trabalho, por prazo determinado, destinados ao exame de assuntos específicos, bem como comissões permanentes, de atividades especializadas, para dar-lhe suporte técnico, integrados por representantes dos órgãos e entidades que dele participam.

§ 7º O CONEF poderá convidar representantes de outros órgãos e entidades públicas e de organizações da sociedade civil para participar e colaborar com a consecução de seus objetivos, na forma do seu regimento interno.

Art. 4º Ao CONEF compete:

I - promover a ENEF, observada a finalidade estabelecida no art. 1º, por meio da elaboração de planos, programas e ações; e

II - estabelecer metas para o planejamento, financiamento, execução, avaliação e revisão da ENEF.

Parágrafo único. Caberá aos membros do CONEF elencados nos incisos I a VIII do art. 3º aprovar, por maioria simples, seu regimento interno.

Art. 5º Para assessorar o CONEF quanto aos aspectos pedagógicos relacionados com a educação financeira e previdenciária, é instituído, no âmbito do Ministério da Fazenda, o Grupo de Apoio Pedagógico - GAP, que terá em sua composição um representante de cada um dos seguintes órgãos e entidades:

I - Ministério da Educação, que o presidirá;

II - Banco Central do Brasil;

III - Comissão de Valores Mobiliários;

IV - Ministério da Fazenda;

V - Superintendência de Seguros Privados;

VI - Superintendência Nacional de Previdência Complementar;

VII - Conselho Nacional de Educação; e

VIII - instituições federais de ensino indicadas pelo Ministério da Educação, até o limite de cinco, no máximo de uma por região geográfica do País.

§ 1º O Conselho Nacional de Secretários de Educação e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação serão convidados a integrar o GAP.

§ 2º O Ministério da Educação exercerá a secretaria-executiva do GAP, ao qual prestará o apoio administrativo necessário.

§ 3º Os órgãos e entidades representados no GAP deverão, em até quinze dias após a designação dos membros do CONEF, indicar os seus representantes e respectivos suplentes ao presidente do Comitê, a quem competirá designá-los.

§ 4º O GAP poderá convidar representantes de outros órgãos e entidades públicas e de organizações da sociedade civil para participar de suas reuniões, na forma do seu regimento interno.

§ 5º A primeira reunião do GAP será convocada pelo presidente do CONEF.

§ 6º O GAP aprovará o seu regimento interno por maioria simples, presentes pelo menos metade mais um dos seus membros.

Art. 6º A participação no CONEF e no GAP é considerada serviço público relevante e não enseja remuneração.

Art. 7º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto
Guido Mantega,
Fernando Haddad
Carlos Eduardo Gabas
Henrique de Campos Meirelles